



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

AMANDA THAYS CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE

**PRÁTICAS DO ENSINO DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DO POVO
NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS**

CAMPINA GRANDE

2022

AMANDA THAYS CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE

**PRÁTICAS DO ENSINO DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DO POVO
NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba-Campus I, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História como requisito de título, apresentado como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em História.

Área de Concentração: Ensino de História

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A345p Albuquerque, Amanda Thays Cavalcante de.
Práticas do ensino de história e as representações do povo negro nos livros didáticos [manuscrito] / Amanda Thays Cavalcante de Albuquerque. - 2022.
70 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Prof. Dra. Patricia Cristina de Aragão, Departamento de História - CEDUC."

1. Ensino de história. 2. Cultura Africana. 3. Representação. 4. Cultura Afro-brasileira. I. Título

21. ed. CDD 372.89

AMANDA THAYS CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE

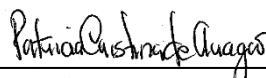
PRÁTICAS DO ENSINO DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DO POVO
NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba- Campus I, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História como requisito de título, apresentado como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em História.

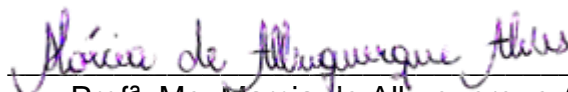
Área de Concentração: Ensino de História.

Aprovado em: 04/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Me. Marcia de Albuquerque Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Me. Marcila Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, fonte de sabedoria que me ensinou o amor à vida e a força transformadora da educação, **DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar espiritualmente ao longo dessa caminhada dando-me coragem, força e fé para trilhar o meu caminho.

Muitos companheiros fizeram parte dessa jornada e serão lembrados pelas excelentes contribuições, diretas ou indiretas, essenciais para que essa pesquisa fosse realizada.

Concluir uma graduação sempre foi um sonho, foram 4 anos que se tornaram 5 pelos acontecimentos do COVID-19, um momento delicado, mas com a ajuda de todos os meus companheiros e de docentes incríveis que tive ao longo da jornada da graduação, tudo ficou mais leve. Foram anos de aprendizado, dedicação e reconstrução.

A toda a minha família, por ser minha base e estar sempre ao meu lado me incentivando nas batalhas diárias. Eles incondicionalmente não medem esforços para me ajudar, a todos eles dedico esse trabalho.

À minha mãe Lúcia (in memoriam) pela vida e pelo amor, que do céu me ilumina. À minha avó Leopoldina (in memoriam) que em vida acreditou tanto em mim e que do céu me ilumina com todo o seu amor de avó. E à minha tia Graça que foi mãe e pai ao mesmo tempo. Elas são meu maior exemplo de honestidade, amor, força e determinação e que graças aos seus esforços e muito trabalho me criaram e sempre lutaram pra que eu tivesse a melhor educação possível.

À minha irmã Camila, pelo seu cuidado e amor incondicional, às minhas primas-irmãs Larissa e Vanessa, que são meus exemplos de dedicação e coragem, agradeço pelo amor fraternal, a amizade e o apoio em tudo que me proponho a fazer e por nunca me deixarem desistir.

Ao meu sobrinho Bernardo, que fez essa caminhada ser mais leve e que veio para iluminar meus dias e me ensinar ainda mais sobre o sentido do amor.

Ao meu primo-irmão Fabiano, à minha cunhada Denise e à minha prima Lavínia, por todo o apoio e incentivo ao longo dessa jornada.

Aos meus tios Sebastião e Ericina, pelo apoio e cuidado de pai e mãe e também ao meu primo Arthur, por todo o carinho.

Ao meu cunhado Washington, por todo o apoio, carinho e brincadeiras que tornaram esse momento mais leve.

Às amigas e irmãs de alma lane e Gerlânia, por todo carinho e cuidado, agradeço por todo o apoio e incentivo em tudo que me proponho a fazer, vocês são pessoas valiosas em minha vida.

À minha segunda família mais incrível, que admiro e quero um bem enorme em minha vida, agradeço por todos os conselhos, apoio e carinho a Márcia, Vanja, Larissa. Gondim e Deir!

Agradeço ao meu namorado Eudes Medeiros, por todo o apoio e companheirismo nesse momento, e ao meu cunhado Eliezer por todo o carinho.

À minha melhor amiga Layra Brenda por todo o incentivo, apoio e por nunca me deixar desistir dos meus sonhos, por mais impossíveis que eles pareçam ser, gratidão por ter você em minha vida, tornando tudo mais leve.

Aos meus amigos Olavo e Karla gratidão por todo o apoio e carinho nesse momento.

À minha turma dividida mais carregada, composta por Marinita, Joyce, Helena, Jonathan, Joalisson, Matheus, Alana e Annallyne e nosso agregado de filosofia, João Pedro, aqueles que me ensinaram sobre parceria e companheirismo em qualquer que seja o momento, obrigada por sempre me apoiarem, pelos nossos momentos de zoação e por nossos almoços mais engraçados. Que sorte a minha ter vocês em minha vida acadêmica. Agradeço pelos momentos de estudos valiosos e por nossos surtos coletivos, mas no final conseguíamos. Minha gratidão eterna.

Agradeço, em especial, a Marinita e Helena por todos os conselhos, cumplicidade, puxões de orelha (nosso momento coach). Vocês foram verdadeiros anjos em minha trajetória, sou muito grata a Deus por ter amizades como a de vocês.

Agradeço à minha parceira de alma de primeiro dia de aula até o fim da jornada acadêmica, Marinita, obrigada por sempre estar ao meu lado e não me deixar desistir, me inspirando e me levantando em um dos momentos mais difíceis da minha vida. Obrigada pelos sorrisos, você é luz em minha vida que sorte a minha ter uma dupla como você. Gratidão é pouco por tudo que passamos juntas.

Gratidão à banca examinadora: a Me. Márcia Alves Albuquerque e a Me. Marcilla Almeida. É uma honra tê-las em minha banca. Gratidão pela disponibilidade e pelas contribuições acerca deste trabalho, gratidão por partilharem comigo esse momento especial da vida acadêmica.

Agradeço em especial à minha professora e orientadora Patrícia pelo compromisso com os seus alunos, por ser essa mulher que inspira todos que estão em sua volta, ao qual orgulhosamente fiz parte desse grupo privilegiado. Muito obrigada por ter me aberto para uma nova leitura sobre o mundo, pelo carinho, pelo apoio permanente. Este trabalho é tanto meu como seu, agradeço pela orientação e pelas conquistas realizadas em outros projetos, agradeço também pelas suas aulas instigantes, que nos fazem pensar ainda mais sobre os desafios do ensino, a democracia, a política, a vida, a empatia, o amor e a ética. Agradeço pelo suporte acadêmico, me incentivando e sempre acreditando que posso sempre mais. Muito obrigada!

Gratidão ao Programa de Residência Pedagógica – CAPES, Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I. Como bolsista deste projeto, sou só gratidão por essa experiência incrível que é a docência e a experiência em sala de aula. Sou grata à Escola Municipal Judith de Paula Rego, em Queimadas- PB, por todo o acolhimento e carinho. E em especial ao meu preceptor Joabe Aguiar por todos os ensinamentos, companheirismo, e por toda sua experiência em relação à educação, nos motivando a nunca desistir dos nossos sonhos. Que sorte a minha ter o privilégio de ter um preceptor que virou um grande amigo!

Aos meus queridos alunos, com os quais aprendi mais do que ensinei e que me inspiram nessa jornada mágica e desafiadora que é a estrada da docência.

Aos professores do curso de História que contribuíram para a minha formação, carrego comigo um pouco de cada um.

A todos os funcionários da instituição que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

À Universidade Estadual da Paraíba, que me proporcionou a oportunidade de realização de um grande sonho, instituição que me formou e a qual orgulhosamente tive a honra de ser aluna.

A todos minha gratidão e carinho!

“O negro neste país está acordado, alerta, e vai continuar sua luta sempre. Isto é um processo irreversível”. **(Abdias Nascimento)**.

RESUMO

As práticas educacionais do ensino de História e a representação do povo negro nos materiais didáticos são importantes para se perceber como, a partir destes aspectos, é possível compreender o lugar do povo negro na sociedade brasileira, os desafios de ser negro e a luta pela inclusão educacional de suas histórias e culturas. O objetivo deste trabalho é investigar como o povo negro é representado nos livros didáticos de História de duas coleções do ensino fundamental anos finais, propostos para o 7º ano. O trabalho se situa no campo do ensino de História, na abordagem em torno do livro didático. Nosso referencial teórico partiu dos estudos de Fonseca (2000), Lima e Silva (1999), Chopin (2004), Bittencourt, (2004) e Chartier (1994). Esta pesquisa é de cunho bibliográfico documental, cujas fontes foram os livros didáticos e as fotografias com base nas imagens vinculadas ao livro didático. Este trabalho nos permitiu perceber a importância da história e da cultura africana e afro-brasileira na sala de aula e nas práticas educativas a partir da relação dessas culturas e de como os autores dos livros escolhidos para análise representam, através do material didático, a cultura negra e sua importância para a História do Brasil.

Palavras-chaves: Representação. Ensino de História. Cultura Africana e Afro-brasileira na escola.

ABSTRACT

The educational practices of teaching History and the representation of black people in teaching materials are important to understand how, from these aspects, it is possible to understand the place of black people in Brazilian society, the challenges of being black and the struggle for the educational inclusion of their histories and cultures. The objective of this work is to investigate how the black people are represented in the History textbooks of two collections of elementary school final years proposed for the 7th year. The work is located in the field of History teaching, in the approach around the textbook. Our theoretical reference came from the studies of Fonseca (2000), Lima e Silva (1999), Chopin (2004), Bittencourt, (2004) and Chartier (1994). This research is of a documentary bibliographic nature, whose sources were textbooks and photographs based on images linked to the textbook. This work allowed us to perceive the importance of African and Afro-Brazilian history and culture in the classroom and in educational practices from the relationship of these cultures and how the authors of the books chosen for analysis represent black culture and its importance for the History of Brazil through the didactic material.

Keywords: Representation. History Teaching. African and Afro-Brazilian culture at school.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular
CNLD Comissão Nacional do Livro Didático
FDE Fundação para o Desenvolvimento da Educação
INL Instituto Nacional do Livro
IPCN Instituto de Pesquisa das Pessoas Negras
LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC Ministério da Educação
PNLD Programa Nacional do Livro Didático

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Alfredo Boulos Júnior	33
Figura 02- Capa do livro didático	34
Figura 03- Sumário da coleção História, Sociedade e Cidadania	35
Figura 04- Segunda parte do sumário	36
Figura 05- Capa Livro Didático coleção Alpha	48
Figura 06- Divisão das unidades	40
Figura 07- Divisão das Unidades II	41
Figura 08- Sumário Coleção Alpha	42
Figura 09- Povos e culturas africanas: Malineses, Bantos e Iorubás	46
Figura 10- Árabes na África	47
Figura 11- O Império do Mali	48
Figura 12- Tabela das palavras bantas	49
Figura 13- Mãe falante da língua Iorubá	50
Figura 14- Cantora Margareth Menezes	51
Figura 15- Emanuel Araújo	51
Figura 16- Mestre DIDI	51
Figura 17- Pintor Jorge Nascimento e o pintor Carybé	51
Figura 18- Atividades	52
Figura 19- Economia e Sociedade Açucareira	53
Figura 20- Jovens Africanos	53
Figura 21- Engenho Colonial	54
Figura 22- O trabalho no engenho	54
Figura 23- Negro e negra em uma fazenda	55
Figura 24- Casa no Quilombo	55
Figura 25- Engenho de Cana	56
Figura 26- Atividades	56
Figura 27- Atividade parte II	56
Figura 28- Mulher e criança Himba	57
Figura 29- As Rotas Comerciais	57
Figura 30- Atividade capítulo I	58
Figura 31- Mulheres Iorubás	59
Figura 32- Atividades	60
Figura 33- Maracatu	61
Figura 34- Tabela de desembarque dos africanos	62
Figura 35- A viagem nos navios negreiros	62
Figura 36- Sapataria século XIX	63
Figura 37- Escravizados lavrando diamantes	63
Figura 38- Mobilização dos Movimentos Negros	64
Figura 39- Atividade coleção II	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O POVO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO: PERSPECTIVAS PARA PENSAR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	16
2.1 Representações do povo negro no ensino de História	16
2.2 O povo negro no livro didático de História: caminhos de uma educação antirracista	23
3 A TEMÁTICA DO POVO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA	32
3.1 Análise das coleções e como os autores abordam essa temática	32
3.2 Imagens do povo negro no livro didático	45
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a educação para o negro no contexto da sociedade brasileira e, mais que isso, na história da educação brasileira significa pensar nos desafios que este segmento social enfrentou. Pensar o povo negro através da problematização do livro didático de História é algo fundamental, para compreender como este material didático e pedagógico constrói visões e representações deste povo. O livro didático deve cumprir um papel de estimulador da cidadania, é um dos objetos de grande importância no acesso ao ensino nas escolas, e deveria cumprir um papel contrário ao que presenciamos que seria o de evitar qualquer tipo de preconceito e discriminação dentro e fora da escola.

O livro didático é um instrumento educativo no processo de socialização e de humanização, sendo portador dos conhecimentos básicos de diversificadas disciplinas que compõem o currículo na escola. Ele torna-se um mediador entre o docente e o discente, e muitas das vezes, principalmente nas escolas públicas, é único objeto de estudo e de cultura. A promulgação da Lei 10.639\03 que foi implementada para a inclusão da cultura africana e afro-brasileira, alterada para a lei 10.645\08 que além da inclusão do ensino afro inclui a cultura indígena que de certa forma é esquecida.

Pensar a história e a cultura do povo negro a partir do livro didático no campo da história cultural nos permite analisar as múltiplas representações que este material didático produz. A partir desta ótica é possível perceber a história da cultura afro-brasileira e africana e seus significados por meio do texto escrito e das imagens dos livros didáticos. Poderemos também entender como esse povo está sendo mencionado para os alunos. Na citação abaixo, Silva afirmou que o livro didático, apesar de mencionar o negro de forma resumida, sempre menciona a representação do negro como escravo.

O livro didático apresenta o passado histórico e a cultura do povo negro sob forma reduzida e conveniente, quando não consegue inviabilizá-los completamente. O fato histórico mais reduzido refere-se à escravidão (SILVA, 2001, p. 51).

Minha atuação na Iniciação à Docência ocorreu na escola Judith de Paula Rego, na cidade de Queimadas – PB. Lá eu ministrei aulas e foi a partir desse

contexto e através desta experiência que surgiram as minhas inquietações em relação a como os alunos do ensino fundamental II anos finais estavam aprendendo sobre a importância do povo negro nos livros didáticos.

Senti a necessidade de problematizar essa abordagem na perspectiva étnico-racial para o contexto escolar, por isso que surgiu a escolha pelo livro didático, uma vez que, para o professor, trabalhar com esse recurso didático é fundamental em sua prática docente. Estas experiências permitiram uma proximidade aprofundada em relação a perceber como os alunos são orientados a partir das coleções dos manuais didáticos escolhidos para as escolas e como essas representações são expostas no ensino. Além de mostrar a importância de problematizar o lugar do povo negro no livro didático, articulando tais discussões com as políticas educacionais, e com os livros escolhidos, estes elaboram representações sobre o povo negro ao longo dos capítulos:

[...] pensar uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, das representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990 pág 60.)

De forma geral, o intuito deste trabalho é compreender como o livro didático de História do ensino fundamental II constrói representações e imagens sobre o povo negro e se este apresenta práticas culturais e sociais do segmento étnico-racial. Para tal analisamos os livros didáticos das coleções História, Sociedade e Cidadania e da coleção Alpha, como também a importância de problematizar o lugar do povo negro, articulando estas discussões com as políticas educacionais numa perspectiva étnico-racial. A questão problema que norteou a pesquisa se pautou na investigação de como essa abordagem cultural do povo negro no ensino e nos livros didáticos está sendo apresentada, e na análise para verificar se o autor trabalha de forma preconceituosa em relação ao negro.

Trabalhamos com base nas propostas e estudos de Fonseca (2000), Lima e Silva (1999) e Chopin (2004), abordando os livros didáticos, Bittencourt (2004), abordando a questão do ensino de História nos livros didáticos e Chartier (1994), com a concepção de representação. Esta pesquisa se posiciona no campo da história cultural, trazendo uma análise em relação ao ensino do povo negro nas

escolas, e também uma análise sobre como os livros didáticos escolhidos pelo corpo docente da escola vem retratando a inclusão deste tema. É importante entender o problema da formação cultural do negro representada no livro didático, para tentar compreender o motivo das desigualdades social e racial na História do Brasil.

Esta pesquisa visa contribuir para pensar formas didáticas que o docente possa usar para trabalhar pedagogicamente o livro didático no ensino da história e cultura negra. Contribuindo, no campo historiográfico, para a educação das relações raciais a partir da problematização do livro didático. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental que nos permitiu problematizar o nosso objeto de estudo. A pesquisa documental contribui para entender, a partir das fontes, o contexto e os acontecimentos, e nos ajuda a fundamentar o tema a ser pesquisado. Já a pesquisa bibliográfica consiste em uma análise de um conjunto de informações e dados contidos em um documento. As duas fontes se entrelaçam. A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002, p.32), é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Utilizamos, ao longo do texto, documentos de políticas educacionais, os livros selecionados das coleções e as fotografias retiradas a partir das imagens selecionadas dos livros para análise. Estas foram às fontes que tomamos como evidencia neste trabalho. Em relação às fotografias, elas são, no texto, um instrumento ilustrativo fundamental que assumem o status de documento na produção de conhecimento sobre determinados períodos da história. Essas duas fontes nos ajudam a fundamentar aquilo que queremos debater em relação a essas problemáticas de acordo com Carvalho, Filippi e Lima (2002) Essas novas abordagens valorizam duplamente a fotografia porque dão ênfase não apenas aos temas que nela aparecem retratados, mas à forma como esses temas são constituídos. Assim, os atributos técnicos e formais da imagem fotográfica assumem um papel relevante no entendimento de questões ligadas à noção de identidade.

Pesquisamos duas coleções de livros didáticos que são indicados em escolas da rede pública das cidades de Campina Grande e Queimadas, ambas na Paraíba. Esta última cidade foi onde realizamos a pesquisa através do Programa de Residência Pedagógica iniciação a docência, que partiu por inquietações de como o negro está sendo representado nos materiais didáticos. A coleção História Sociedade e Cidadania, é utilizada nas escolas de Queimadas, e a coleção Alpha, na cidade de Campina Grande, no ensino fundamental II anos finais, 7ºano. Nelas foram feitas as análises em relação a como cada autor das coleções aborda o negro em seus livros, enfatizando a literatura e as imagens e como são expostas nos capítulos dos livros. A metodologia utilizada foi baseada na análise imagética, buscando entender como os negros estão sendo apresentados e buscando problematizar as narrativas através da visão dos autores dos dois livros escolhidos.

O trabalho está organizado em dois capítulos, sendo o primeiro *O povo negro no livro didático: Perspectivas para pensar uma educação antirracista*, tendo como subtema as *Representações do povo negro no ensino de História*. Neste capítulo trouxemos a questão de como os negros são representados na questão do ensino escolar, e como os Movimentos Negros Unificados - MNU contribuem para essa luta por uma educação antirracista, além da discussão de todos os programas que representam o livro didático, como também abordamos a Lei 10.635/03 que torna obrigatória a implementação da cultura afro nas escolas e, por fim, discutimos o quão importante o livro é para o ensino de História da cultura afro-brasileira.

No segundo e último capítulo é intitulado *A temática do povo negro e a representação através das imagens no livro didático*. Neste capítulo inicialmente foi abordado como os autores apresentam suas coleções em relação à divisão dos assuntos nos capítulos de seus livros, também fizemos uma problematização e análise de cada imagem em que a figura do povo negro está representada e refletimos sobre como são abordadas desde as atividades até os capítulos, para entender se o negro continua sendo visto de forma superficial.

2 O POVO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO: PERSPECTIVAS PARA PENSAR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Este capítulo discute o lugar do povo negro no contexto da sociedade brasileira e analisa a sua representação no contexto histórico, articulando a discussão sobre a luta do povo negro e a ação do movimento social negro com propostas de políticas de ações afirmativas para a inclusão deste segmento social.

Ao longo dos capítulos buscamos dialogar com autores que versam sobre o povo negro na nossa sociedade, discutindo também o papel e a importância do livro didático de História na abordagem do ensino da cultura negra no currículo de História, possibilitando o debate de forma inclusiva deste povo e de suas histórias.

2.1 Representações do povo negro no ensino de História

Ser negro no Brasil, sempre foi desafiador, pois infelizmente o passado ainda traz reflexos e observamos, ainda nos dias atuais, um cenário de discriminação e preconceito. Outra preocupação que ocorre atualmente é o esquecimento da cultura negra e de sua importância no contexto da sociedade brasileira, pois mesmo com leis como a 10.639/2003, que promovem a inclusão da temática, observa-se que nas escolas é preciso ter atenção aos meios e às formas de abordagem em relação a este segmento social.

A educação para o negro é uma possibilidade de inclusão, um direito social e, para conquistar este lugar de direito, pessoas negras têm lutado frente aos embates sociais e aos desafios de uma sociedade como a brasileira, na qual ainda subsistem práticas racistas. Neste sentido, trazer o debate do povo negro para a educação é fundamental, considerando as maneiras como negros e negras têm sido representados.

No contexto da educação e do ensino de História, entender esta representação através do material didático escolar é importante, pois se torna significativo verificar como coleções de livros didáticos de História, que circulam nas escolas, abordam o povo negro. Outro aspecto a analisar diz respeito à luta do Movimento Negro e suas reivindicações para a inclusão histórica, educacional e cultural do povo negro, na busca de formas de elevar essa representação, para que

os alunos possam compreender o valor da história e cultura deste segmento social e de sua importância para a história.

Para entender os sentidos desta luta, se faz necessário, contextualizar seus antecedentes históricos, pois durante o século XIX, com o crescimento do movimento abolicionista intelectuais negros passaram a editar jornais e fundar associações culturais. Estes jornais, no início do século XX no pós-abolição tiveram um papel fundamental na luta do povo negro, pois os jornais desse período eram o principal meio para retratar o que os negros sofriam principalmente fazer registro das atividades culturais e educacionais que eram promovidas pelas associações negras e tinham o intuito de informar à comunidade negra, os serviços educacionais que seriam de importância para a educação dos mesmos.

A imprensa foi o meio de comunicação que deu voz aos negros: os jornais publicavam artigos para enfatizar o valor da educação, para que os negros brasileiros começassem a frequentar cursos, para ter um futuro de qualidade. No século XX estes jornais continuaram ativos, mostrando o papel da imprensa negra na luta em prol das bandeiras levantadas para a inclusão dos direitos educativos e sociais do povo negro.

A partir do século XX, o Movimento Negro Unificado deu ênfase à luta sob várias bandeiras, entre elas está a da educação. A educação consistiu numa das suas maiores bandeiras de luta deste povo. O Instituto de Pesquisa das Culturas Negras – IPCN foi fundado em 1975, na cidade do Rio de Janeiro, e estava focado nesse processo. O Movimento Negro continua em luta até os dias atuais, capacitando militantes e atuando em diferentes instâncias, como por exemplo, nas escolas de samba e no campo das artes em geral. Espaços em que intelectuais militantes e professores tiveram uma presença marcante na luta pelos Direitos Humanos, no combate ao racismo institucional e à igualdade racial.

Entre as décadas de 1970 e 1980, o Movimento Negro assumiu “um discurso radicalizado contra a discriminação racial”, em alguns casos sobre forte influência esquerdista e, em outros, articulado com as lutas pelas liberdades democráticas e pela elaboração de identidades segundo o Movimento negro unificado contra a discriminação racial.

Entre as ações organizadas pelo Movimento Negro, uma delas partiu do grupo Palmares, em homenagem ao Zumbi de Palmares, que buscou retratar o dia

20 de novembro para enfatizar a conscientização do povo negro. A influência dos Movimentos Negros se torna precisa pelo fato de que, abordando algumas datas dedicadas a representantes negros importantes no calendário escolar, é possível fazer mais reflexões para que os alunos valorizem a representação destes líderes negros no país.

Os movimentos viam a educação como algo de responsabilidade dos próprios negros, pois o Estado não oferecia apoio suficiente. Sem o apoio do Estado os negros acabaram ficando com as responsabilidades da educação. Foi a partir desse viés que percebemos que, em um país como o Brasil, o negro é prejudicado pelo preconceito. “Segundo eles, assumir para si aquilo que seria tarefa do Estado, acabou criando uma espécie de isolamento do negro, um tipo de gueto” (GONÇALVES, p. 125-126).

Nesta busca pelos direitos educativos para as populações negras, o Movimento Negro teve um papel educador, pois foi construindo caminhos para a afirmação da negritude através de sua luta. Em consequência disso, podemos afirmar que a partir desse histórico de luta que se iniciou no período escravista até a contemporaneidade, vem tornando-se possível combater o racismo por meio educacional.

As ações do Movimento Negro refletiam na busca por questões de igualdade, que considerassem o direito à diferença, principalmente na inclusão do negro em todos os níveis educacionais: do ensino primário ao superior. Na década de 80 do século XX, o Movimento, envolvido na democratização do ensino, deu início a reivindicações para a inclusão da história da África e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares, além das políticas de ações afirmativas nas diferentes modalidades.

Percebe-se a dificuldade dos negros para serem inseridos no mercado de trabalho, muitas vezes associa-se esta dificuldade à sua cor. Infelizmente esta é a realidade de um país racista, e isto se reflete na falta de acesso à educação de qualidade.

Convém analisar que a luta pela inclusão do povo negro a partir das ações encabeçadas pelo Movimento Negro reflete como oportunidades nas ações afirmativas a partir do século XXI, demandando a igualdade racial no mercado de trabalho, em meios de comunicação, em setores da saúde e nos vários setores

sociais em que a desigualdade racial ainda subsiste, especificadamente no ensino superior, que é o local em que se identificam, ainda, práticas excludentes.

Diante das desigualdades que ainda estão presentes na sociedade brasileira, fez-se necessário que medidas para a superação do racismo fossem implementadas nas escolas e universidades, uma vez que, nesta última, o que se percebeu é que havia um pequeno número de negros em detrimento de estudantes brancos universitários. Ou seja, trata-se da afirmação de uma identidade negada pelo racismo, a qual, lamentavelmente, também se faz presente na universidade e em vários outros espaços políticos e sociais do nosso país.

Para a construção da autoestima e da identidade étnico-racial da criança negra é fundamental ter referências positivas no livro didático, uma vez que ela se identifica com a representação e não com o real, passando a ver-se através dela. Ao reconhecer-se e ser visibilizada, a criança desenvolve o amor à sua semelhança étnica.

Assim, não é raro que oriundos de grupos marginalizados pela sociedade, entre eles os negros, qualifiquem pessoas de seus grupos de origem como preguiçosos, incompetentes, sem ambição. Revelam, eles, desconhecer, ou, por conveniência, ignorar, as estruturas e relações que mantêm as desigualdades sociais e étnico-raciais escolares. Como se vê, a instrução pública, entre nós, nasce excludente, racista. Vivemos em uma sociedade que não enxerga as diferenças.

O racismo é uma problemática social que faz parte da realidade brasileira desde a sua constituição e formação. Na sociedade brasileira a construção que se faz do negro é caracterizada pelo racismo estrutural, como aborda a autora Djamila Ribeiro, que afirma que esse preconceito está enraizado em nossa sociedade, fazendo com que o negro faça parte de uma raça diferente da dos brancos, raça em que ele não vai obter os mesmos direitos.

É de conhecimento geral que refletir sobre o termo “negro”, é basicamente abordar algo negativo. O modo como um determinado indivíduo ou até mesmo uma raça são representados, diz muito sobre o seu caráter principalmente sobre como podemos abordá-la. Essa representatividade diz muito sobre seu povo, sua religião e seus costumes, seus referenciais positivos são arquivados e até mesmo excluídos do ensino de História.

Somos um país com diversas etnias, então não devemos apenas mencionar a questão da 'negritude' sem discutir também sobre o 'branqueamento'. O Brasil é a maior nação negra fora da África, porém o racismo é um sistema de opressão que nega direito e não é apenas um simples ato, de um indivíduo isolado.

O Movimento Negro foi um dos principais responsáveis pelo reconhecimento e inclusão de uma lei dedicada aos negros, que é a Lei 10.639/2003, posteriormente modificada pela Lei 11.645/2008 que incluiu a história e a cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da educação básica brasileira com o objetivo de diminuir a desigualdade social além de minimizar a desigualdade racial.

A lei surgiu especialmente para que as instituições de ensino e de formação inicial de professores, em suas práticas de ensino, inserissem as questões étnico-raciais e a importância dessas culturas na trajetória de ensino, principalmente nas matérias de História do Brasil e Literatura. O objetivo primordial é que seja desconstruído o olhar preconceituoso pelo qual o negro é representado a partir do ensino.

As diretrizes da referida Lei foram construídas pelo Parecer CP/CNE Nº 10 março de 2004, que foi homologado pelo Ministério da Educação, em 19 de maio de 2004. O compromisso desta Lei é com a valorização da cultura afro e dos afro-brasileiros para que ocorra um debate na questão das relações étnico-raciais, e o aprofundamento da ideia das ações afirmativas, que dá a oportunidade do povo negro ingressar no ensino superior, pois é evidente que a entrada deles nessas instituições públicas em especial é mais deficitária. A partir dessa inserção percebe-se que o Estado tem o dever dessa inclusão, pelo exacerbado preconceito que existe em nosso país e também pela luta que o Movimento Negro exerce para que todos tenham direito à educação de qualidade em um país em que a desigualdade, principalmente educacional, é assustadora.

É importante frisar que o Conselho Nacional de Educação tomou estas decisões para cumprir a Lei Nº 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003, que acabou modificando a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), que inclui o ensino de história africana e da cultura afro-brasileira na educação básica.

Como uma forma de combater os preconceitos existentes perante essas culturas, além de frisar o combate ao racismo, também é criada a Lei 9.459/07, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Ela é primordial para

que os alunos possam entender essas definições de raça, além de ressaltar a importância dessas origens culturais para o contexto histórico brasileiro.

Nesse caso, sabemos que o lado negativo é o que prevalece em relação aos negros, mas com o desenvolvimento dessas leis no ensino, as mudanças se tornam positivas. No quesito raça, a Lei das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas- Raciais, no Parecer 3/2004, traz a ideia de estudar esse significado como uma construção social e também de disfarçar o preconceito existente sobre o forte conflito que acontece com os brancos. De fato, quando pensamos no termo “raça” logo pensamos em identidade biológica, cor e traços físicos. A partir deles era possível à comparação e classificação de que raças as pessoas faziam parte.

Vale ressaltar que o intuito é possibilitar que os alunos possam refletir sobre as diversidades culturais, fortes em nosso país, para que os afrodescendentes possam ter os direitos que no período da escravidão não alcançaram. O Movimento Negro, junto com os grupos que estudam ou são especialistas nas culturas, tem a responsabilidade de estender a importância que essas culturas representam para a história.

Nesse contexto, os livros didáticos são os instrumentos mais usados pelos professores. Apesar de todo o avanço das tecnologias, ele continua sendo o objeto primordial também para o aluno. Com a inclusão da Lei, foi alterada toda a estrutura do livro didático, principalmente a forma como os autores trabalham sobre o assunto dos negros e afros. Este é um apoio para os professores desde o século XIX, considerado como uma melhoria do ensino nas escolas públicas, visto que, comparado à rede privada, os materiais acabam sendo mais acessíveis.

No entanto, com as leis estabelecidas, a contribuição do docente em relação à abordagem dessas culturas é importante. Inicialmente eles precisam problematizar o pensamento discriminatório dos alunos que, dependendo da série, vem com uma bagagem cheia de imposições negativas em relação ao povo negro. “O racismo, segundo o artigo 5º da Constituição Brasileira, é um crime inafiançável e se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive à escola” (PARECER n 3/2004, p. 9).

A escola precisa ser um ambiente igualitário, mostrando ao aluno que a cor não define quem é melhor ou pior e que apenas o respeito às diversidades, tanto de raça, quanto de religião e de cultura é o que realmente deve prevalecer no ambiente

escolar e também social. Porém, é perceptível que alguns professores ao abordarem questões sobre o negro, tentam ter cautela em mencionar o termo 'negro'. O ser negro é algo muito maior do que característica física trata-se de um posicionamento político, as origens do negro e suas culturas, isto é algo que deve ser mudado ao lecionar, tentando debater o assunto e incluir, por exemplo, a criança negra e demonstrar que sua origem é de relevante importância para a história do Brasil.

Até então, o negro vem sendo debatido na escola, com a inclusão da Lei, porém a luta pela igualdade do negro neste ambiente demanda a exigência de uma educação de qualidade na escola, enfatizando que o período que os alunos passam em sala de aula na educação básica é primordial para que ele, em um futuro ensino superior, tenha uma base de ensino de qualidade.

Infelizmente a realidade é que o ponto forte das desigualdades é estabelecido na própria escola, por isso discutir a cultura é uma obrigação das escolas, e não apenas isso, é primordial fazer com que o aluno entenda como funcionam as diferentes culturas, seja ela afro ou outras tantas culturas que existem.

Esta é uma forma do aluno respeitar e compreender como essas culturas influenciam nos costumes presentes na sociedade brasileira, entre eles a culinária, a religião e até mesmo alguns modos de vestir.

A alfabetização era algo impossível, Gonçalves e Silva (2007) afirmam que o negro, para obter compreensão sobre as leis, para lutar pelos seus direitos, precisava aprender a ler. O negro, aprendendo a ler, obteria voz para conquistar seu lugar de falar e de protesto, sobre todo o trabalho escravo que ele sofria.

Os negros não tinham acesso à educação apenas a classe média alta, obrigatoriamente significa a servidão do senhor branco, pois a lógica para os senhores era a de que se todos os negros comessem a estudar ou entender de leis, o período de escravidão poderia ter um fim. É perceptível que os senhores tinham medo dessa revolta entre os seus escravizados escravos, então seria mais vantajoso para eles afastar os escravos das escolas e apenas manter os seus filhos brancos na mesma para que pudessem conquistar uma profissão de futuro posteriormente.

Todas as escolas, principalmente da rede pública, aderiram à Lei de n.10.639/2003. A Lei federal impõe essa ordem, mas na prática, mesmo sendo obrigatória, isto não quer dizer que ela funcione perfeitamente. Ela apresenta falhas

que podem acabar inviabilizando o real objetivo pelo qual ela foi promulgada. Sabe-se que a responsabilidade de seu cumprimento é atribuída aos docentes, principalmente pelas estratégias que o docente deve abordar ao representar, através do ensino, a verdadeira importância dos negros.

É perceptível que, mesmo após a abolição, a discriminação se faz presente, passando a fazer parte das questões econômicas, políticas e culturais, fatores que contribuem para a formação ou não do senso crítico dos alunos, pois é a política em especial que está à frente dos recursos didáticos destinados à educação. Acaba que o ensino é voltado a uma história única, que no caso seria a da elite branca que é superior à raça negra.

Aqueles que trabalharam apenas para o avanço, principalmente econômico, das fazendas, foram às figuras que se destacaram. Para os educadores de História é persistente esse preconceito, pois está enraizado em nossa sociedade, o racismo que se materializa como discriminação racial, esta é definida pelo caráter sistêmico de séculos atrás.

Nesse sentido, segundo as abordagens de Quijano (2005) apud Nilma Lino Gomes (2012) apesar da diferença dos anos de estudos a raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial, nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade.

Ao resignificar a questão de raça, o próprio Movimento Negro foi dando novos sentidos ao abordar a população negra no Brasil, principalmente nos fatores enunciados: instrumentos teóricos, ideológicos e políticos para explicar o racismo de uma forma mais sucinta.

2.2 O povo negro no livro didático de História: caminhos de uma educação antirracista

O livro didático é uma fonte para o entendimento das inúmeras histórias e que atualmente serve como meio para debatermos os conflitos e histórias que ocorreram no passado e se refletem em nosso presente. É uma mercadoria ligada ao mundo editorial e à lógica da indústria cultural do meio capitalista, mas até meados da década de 1990 era um privilégio voltado apenas para as classes mais abastadas.

O livro didático é um meio para avaliarmos a perpetuação das culturas e suas ideologias, apesar de terem influência governamental, partindo de nosso estudo e pesquisa, enfatizamos que este material didático é a principal ferramenta para que os alunos possam entender a representação do negro e sua história de luta, e o quão importante eles foram e são para a história do Brasil.

O docente e o discente são os sujeitos principais para a utilização e a prática de ensino e aprendizagem com o livro didático. Mas ainda subsiste, em alguns livros didáticos de História, um conhecimento histórico proposto de forma simplificada e que não aprofunda determinadas temáticas que permitam a formação crítica e reflexiva do aluno.

Muitos livros apresentam os assuntos de modo compacto. Se o docente não tiver um posicionamento crítico e buscar outros materiais didáticos para o planejamento e pesquisa de suas aulas, ele terá a sua abordagem dificultada pela forma como muitos livros didáticos apresentam o conteúdo.

Para entendermos a trajetória do livro didático proposta no Brasil a partir do século XX chamamos a atenção para o período do governo de Getúlio Vargas, que tornou obrigatório o fornecimento dos livros didáticos para todo o país. No ano de 1938 foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL) com a função de edição e tradução de obras literárias de interesse público e, no ano seguinte, foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que analisava os livros a serem adotados pelos órgãos públicos no país.

Na década seguinte, em 1940, o Governo Federal consolidou uma legislação quanto à produção dos livros didáticos (Decreto-Lei nº8460/45), normatizando sua utilização e importação. Ananias (2008) afirmou que essa lei consolidou a legislação sobre as condições de produção, importação e a utilização dos livros didáticos. Os livros produzidos no período de Getúlio Vargas tinham um tempo maior de duração comparado aos dias atuais, pois o máximo de tempo que a edição do livro dura atualmente é de três anos, como também os autores que elaboraram o material didático eram figuras de intelectuais considerados importantes no período.

A partir da década de 1960 os livros passaram a ser escritos por professores formados nas áreas de conhecimento. Após a ditadura militar e com o processo de redemocratização em 1985 foi criado o Programa Nacional do Livro Didático- PNLD instituído pelo Ministério da Educação – MEC, que tinha o objetivo de universalizar

gradativamente o uso do livro com o foco na distribuição gratuita desse material para que todos os alunos da escola pública obtivessem acesso ao mesmo.

Cabia aos professores escolherem qual material era necessário para cada escola. O PNLD acabou sendo um fator econômico gradativamente lucrativo para as editoras. Além deste aspecto, outro importante foi o processo de análise e avaliação. O MEC publicava o Guia de Livros Didáticos com todas as coleções didáticas aprovadas, deixando a cargo das escolas a decisão de qual livro mais se assemelhava ao seu projeto político pedagógico e ao plano de ensino da escola.

O livro didático é elaborado com alguns quesitos, entre eles os itens objetivos e metas que tem como função um criterioso processo para evitar os estereótipos nos livros didáticos, principalmente contra mulheres, negros e índios. Mas a realidade de alguns desses materiais didáticos é diferente, pois se verificam em algumas coleções, práticas de discriminação a partir dessas figuras, seja no ensino fundamental ou no médio.

Na década de 1990 houve um elevado aumento na demanda por livros didáticos que foram distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Nestes livros, esses parâmetros, que constituem uma referência para a montagem dos currículos e que fatalmente influenciaram o mercado editorial, vêm sendo construídos com a colaboração de consultores chamados individualmente pelo governo, sem critérios claramente definidos e sem que associações profissionais sejam consultadas (LIMA e SILVA, 1999).

O livro didático é um objeto direcionado ao público, além disso, esse suporte didático tem influência direta e indireta de diversos autores, editores, jornalistas e especialistas, mas os principais são os professores de História que muitas vezes acabam sendo silenciados.

É necessário enfatizar que o livro didático possui vários sujeitos em seu processo de elaboração e que este passa pela intervenção de professores e alunos que realizam práticas diferentes de leitura e de trabalho escolar. Os usos que professores e alunos fazem do livro didático são variados e podem transformar esse veículo ideológico e fonte de lucro das editoras em um instrumento de trabalho mais eficiente e adequado às necessidades de um ensino autônomo (BITTENCOURT, 2004, p. 73).

Atendendo às diretrizes da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o currículo escolar deve se inspirar nos princípios constitucionais, adaptando-se à realidade de forma a colocar todos em pé de igualdade, uma vez que “todos são iguais, constituindo-se uma função social do estado cumprindo o atendimento do direito do cidadão que vê na escola uma via de cidadania”.

Infelizmente o entendimento de algumas editoras dos livros didáticos é de que elas têm a função primordial de levar a resposta para o professor, indicar a ele o que deve ou não aplicar em suas aulas. De fato, a realidade dos professores, principalmente da escola pública é diversa, primeiramente pelo fato de trabalharem com um excesso de aulas e turmas diferentes, como também pela falta de formação. Mas esta dificuldade não justifica o fato de algumas editoras afirmarem que sem o livro o professor não terá capacidade para ministrar uma aula. O apoio do material didático é importante, mas não exclui o fato de que o professor sem ele tem a capacidade de ministrar uma aula com seus conhecimentos. O livro é um suporte relevante também em sala de aula, é o que denominamos de dois pesos e duas medidas nesse quesito.

Nos livros didáticos de História, a equipe de pareceristas avalia se a “coleção/obra foi concebida e organizada segundo uma metodologia de ensino-aprendizagem que seja adequada às finalidades e às especificidades dos alunos” (BEZERRA, 2006, p. 36). Vale salientar que o conhecimento que acaba sendo reproduzido pelo historiador será sempre a peça fundamental para os autores do livro didático.

O historiador Roger Chartier (2002) tem uma visão sobre o livro didático como um objeto de estudo, mas que, de certo modo, acabou sofrendo as influências socioeconômicas; ele afirmou que a tarefa do historiador para com o livro é entender o conjunto dos atores que fazem parte como um todo do processo que foi feito para que o livro fosse elaborado. Há que se considerar que, com a elaboração do livro passamos a compreender todo o conjunto de temas que o livro didático quer transmitir no ensino de História.

Ainda na perspectiva destas reflexões, Chartier (1994) mostra que antes do surgimento do mundo tecnológico e das notícias espalhadas pelas redes sociais, o livro tinha a função de trazer ideologias e valores de culturas diversas, é o que podemos observar: que como os veículos de comunicação obterem respostas

prontas e com mais rapidez para os alunos, o livro didático acaba sendo deixado de lado.

Sabemos que a tecnologia veio para aprimorar o modo de ensino, mas não podemos esquecer que o livro didático é rico em conhecimento, e é um objeto que leva o aluno a refletir e debater sobre determinado assunto, em especial sobre como os negros estão sendo demonstrados nas coleções que são encaminhadas para as escolas. O livro é uma fonte essencial e não deve ser deixado de lado.

Além disso, os assuntos que fazem parte do livro didático estão estruturados pelos currículos educacionais, mesmo com a interferência do Estado em alguns assuntos que possam ferir a forma como o governo trabalha, todo um processo de avaliação dos assuntos do livro é feito para que este possa ser aceito e enviado para as instituições.

Segundo a Circe Bittencourt (2011) a importância do livro didático é baseada em um suporte de conhecimento, sendo veiculares as ideologias de uma determinada época, principalmente no século XIX, em que o livro didático vem de uma narrativa conservadora e nacionalista. São dois fatores que contribuíram para obtermos uma sociedade construída através de identidades e preconceitos persistentes.

É fato que, apesar da influência dos órgãos públicos, o livro acabou obtendo assuntos voltados para a branquitude e isto é algo que nos dias atuais passa por uma avaliação dos professores, principalmente no quesito que avalia qual editora se encaixa melhor para abordar a verdadeira representação do negro sem ser resumida ou em poucas páginas. Sua escolha, seu consumo, sua recepção e seu descarte mobilizam parcerias na comunidade escolar e produzem inúmeros debates e polêmicas (CHOPIN, 2004).

Chopin (2004) chamou a atenção para como as controvérsias, principalmente as do Governo, acabam provocando debates e discórdias entre os professores assim como envolvem todo o corpo escolar.

Em relação ao negro abordado no livro, é preciso uma elaboração mais aprofundada sobre como o negro constitui toda a história do Brasil, para mantermos apagado esse estereótipo que há muito tempo se mantém no livro didático, cuja representação que foi construída é de submissão.

O objetivo do livro é evidenciar a narrativa histórica construída na perspectiva do povo negro, não uma única perspectiva de ser ler a história do povo negro no Brasil. Para Kanashiro (2008) o livro didático é visto como mercadoria, pautado na lógica capitalista, tentando, ao fim, alcançar o lucro. Sendo um produto da indústria cultural, o livro é padronizado e caracteriza-se como objeto descartável, principalmente àquele denominado “consumível” (no qual o aluno escreve no próprio livro).

A forma como o ensino da História foi proposta no Brasil nos seus primórdios trazia uma perspectiva da história vista pelo currículo oficial (BITTENCOURT, 2011). A partir dessa afirmação podemos observar que o ensino de História era baseado apenas no patriotismo e na elite branca, destes conceitos eram retirados os heróis de grande parte dos períodos da história do Brasil, não que atualmente isso ainda não prevaleça, mas hoje com uma constância disfarçada.

Em relação aos livros de História, Miranda e De Luca (2004, p. 127) sustentam que autores e editores, receando a exclusão de seu produto do Guia do Livro Didático, passaram a ter cuidados evidentes para que os livros não veiculassem mais estereótipos, desatualizações graves, erros de informação ou conceituais, preconceitos de gênero, condição social ou etnia, bem como de quaisquer formas de proselitismo e incoerências metodológicas graves entre a proposta explicitada e aquilo que foi efetivamente realizado ao longo da obra.

É de grande relevância, uma análise sobre alguns temas históricos reproduzidos nos materiais didáticos. Essa análise foi feita por Telles (1984) e teve por objetivo analisar como as culturas estavam sendo representadas no ensino primário e secundário dos livros de História. Vasconcellos, (1994) chamou a atenção para a deficiência que os professores sentem em relação aos temas que são deixados de lado. Acerca disso há professores que se limitam ao livro didático como único material de apoio e acabam abordando o assunto sobre a história dos negros no Brasil de forma resumida, sendo também bem controversos em parte dos materiais didáticos.

Em relação às fontes históricas, o livro didático surge como principal material para os professores. Todo o processo de pesquisa para um método científico surgiu na Europa a partir do século XIX, com as ciências naturais que dominavam todo o meio acadêmico por meio de métodos de pesquisas. De acordo com a Escola

Metódica, a História teria por função o levantamento científico dos fatos, uma vez que seria a Sociologia quem os deveria interpretar. Segundo François Dosse, os historiadores empiristas “pretenderam fundar uma ciência positiva para escapar ao subjetivismo” (DOSSE, 1992, p. 39). Entrando em colisão com os pensamentos da Escola Metódica surgiu a Escola dos Annales iniciada na França em 1920 com o objetivo de renovar a historiografia, além de repensar o tempo da História.

Foi a partir da Terceira Geração da Escola dos Annales que surgiram novos campos de pesquisa, principalmente no campo de ensino, fazendo com que a abordagem do tema sobre negritude fosse enfatizada, uma vez que os heróis e grandes políticos eram os que tinham destaque na História, além disso, a terceira geração possibilitou o uso de novas fontes, entre elas podemos citar o livro didático. A Escola dos Annales causou mudanças no campo da História, transformando a maneira do historiador agir ou reproduzir os seus conhecimentos, causando polêmica em relação ao olhar do conhecimento histórico, pois diferentemente da Escola Metódica, que tinha como base os documentos, os Annales apresentaram novas possibilidades de encontrar diferentes fontes de pesquisa e ensino.

O processo de mudanças de novas fontes deu espaço para o surgimento da história cultural, que foi dividida em três momentos. O terceiro momento tem íntima relação com a descoberta do povo ou a história cultural popular, na década de 1960. De acordo com Barros (2005, p.131) “a contribuição decisiva de Chartier para a História Cultural está na elaboração das noções complementares de práticas e representações”, a cultura poderia ser examinada a partir dessa relação interativa entre estes dois polos.

Isso quer dizer que tanto a produção de objetos culturais, quanto os sujeitos receptores de cultura circularam entre práticas e representações, o que pode se exemplificar com os negros abordados no material didático, como são apresentados para os alunos, além da cultura negra que carrega estereótipos que precisam ser apagados.

Roger Chartier (1990) interessou-se, por exemplo, pelas transferências entre a cultura oral e a cultura escrita, mostrando como indivíduos não letrados podem participar da cultura letrada através de práticas culturais diversas, pois muitos povos eram esquecidos ou anulados pela História por não possuírem uma escrita, por

exemplo, os indígenas e os povos africanos: pouco se tinham sobre a escrita desses povos.

O conceito de representação utilizado pelos estudos da história cultural reorientou a postura do historiador. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (2005, p.40), “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é personificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência”.

Uma das razões pelas quais o livro didático como material pedagógico é importante se deve ao fato de que ele tem como principal função fornecer, organizar e sistematizar todos os conteúdos, além de incluir métodos de aprendizagem da disciplina. É um livro no qual está incluído não apenas o conteúdo da matéria em si, mas uma concepção de aprendizagem.

Apesar de ser um material mediador de conhecimento e facilitador da apreensão de conceitos, ele é criticado principalmente na disciplina de História, sendo um tema polêmico, principalmente por todos os fatores históricos que aconteceram anteriormente ao surgimento do livro, e que os órgãos públicos optam por silenciar. É um material pedagógico de difícil definição, assume funções diferentes dependendo do lugar e do momento.

No que se refere às relações entre os conteúdos acadêmicos e escolares o historiador Carlos Vesentini (1997), em uma publicação de seu artigo *Escola e Livro Didático de História*, afirmou que as especificidades do livro em seu processo de criação e cristalização da memória têm determinados fatos considerados fundamentais para a nossa sociedade, assim sendo, o livro didático serve como meio de reprodução da historiografia.

A história das populações negras é identificada no livro didático após todo o processo de luta do Movimento Negro, além da produção historiográfica que insiste em manter os negros estereotipados através do período da escravidão, pouco trazendo a verdade e enfatizando a história que se passa pós- abolição e como esses grupos atuavam com suas lutas em busca de seus direitos no século XX no Brasil.

Os manuais didáticos estão se tornando cada vez mais uma ferramenta polifônica que obtém diversas funções. A primeira delas é avaliar as competências e os saberes, além de oferecer suportes diferentes e uma documentação completa, e facilitar para que o aluno tenha acesso a outros métodos em diferentes

contextos. Uma análise que ainda deve ser feita sobre o livro diz respeito aos os conteúdos pedagógicos, ou do método de aprendizagem. Deve atentar-se para que os alunos tenham oportunidade de comparar, fazer diferenciações entre os acontecimentos e relações históricas, além de fornecer pistas para que os alunos fiquem curiosos para responderem sobre determinado assunto.

No decorrer deste estudo percebemos que, em relação ao povo negro o livro didático, salvo algumas exceções, continua com a mesma postura. É necessário que se apresente este segmento étnico de forma mais inclusiva. A História nos mostra que sua função no ensino é de justificar as realidades, os projetos políticos e as suas ideologias. Este é o aspecto fundamental da História para a sociedade.

Conforme Bittencourt (2004), cada “lição” do livro deveria ser exposta pelo professor e lida pelo aluno, que, em seguida, fazia um resumo. Tal resumo seguia um roteiro apresentado como “quadro sinóptico”, dividido em “personagens”, “atributos”, “feitos e acontecimentos” e “datas”.

3 A TEMÁTICA DO POVO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Ao longo deste capítulo, analisamos dois livros didáticos de coleções diferente dos 7^o. Anos. A escolha foi por duas coleções de materiais didáticos diferentes, mas que remetem ao mesmo ano de ensino: o 7^o ano do fundamental (em seus anos finais). Foi comparado como cada autor divide seus capítulos, suas visões em relação a representar a figura do negro para o ensino de história e se a questão do negro e suas diversificadas culturas estão dentro das normas.

3.1 Análise das coleções e como os autores abordam essa temática

O livro didático tem o dever de cumprir o papel de estimulador da cidadania, produzindo o efeito contrário de qualquer possibilidade de preconceito e discriminação, desde o próprio material didático até a entrada e saída da escola.

A importância da cultura negra no livro didático se faz por trazer uma visão antirracista e quebrar o mito de que as pessoas negras não são bonitas, além de valorizar as suas características físicas próprias, divulgar os feitos das pessoas negras em todos os aspectos da sociedade e apresentar a história e cultura negra e suas contribuições ao longo do tempo e do espaço. “O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direito, e não um simples ato da vontade de um indivíduo” (RIBEIRO, 2019, p.16).

Neste item foi feita uma análise a partir duas coleções que são utilizadas nas escolas públicas de Campina Grande e Queimadas. A primeira coleção é História Sociedade & Cidadania, do 7^o ano, anos finais do ensino fundamental, 3^a edição, São Paulo, 2015. Esta coleção foi utilizada no Município de Queimadas e a escolha se deu a partir da experiência em sala de aula, em que o suporte didático foi utilizado e pelo fato de, apesar de suas lacunas, o material abordar as questões do negro.

O autor da coleção é o Alfredo Boulos Júnior (figura 01) é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP-SP). O local onde ele fez sua graduação não foi disponibilizado. Boulos Júnior Lecionou na rede pública e particular de ensino e assessorou a diretoria técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação FDE, do Governo do Estado de São Paulo. As suas

obras são adotadas em escolas de todo o país e reconhecidas pelo rigor conceitual, pela atualização historiográfica e pela comunicação real com os estudantes. Ele tem experiência na área de educação, com ênfase em história política e sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: representação, imagens, africanos, afrodescendentes, livro didático e África.

Figura 01 - Alfredo Boulos Júnior



Fonte: Coleção História Sociedade e Cidadania, 2017.

A coleção História Sociedade & Cidadania aborda os principais temas e processos históricos, desde as primeiras comunidades humanas até os dias atuais. Ela proporciona ao aluno pensar historicamente, sempre estimulando as reflexões e os problemas que acontecem em nossa sociedade. É válido ressaltar a grandeza que a coleção quer abarcar, levando o aluno a pensar sobre todos os acontecimentos desde a antiguidade aos atuais.

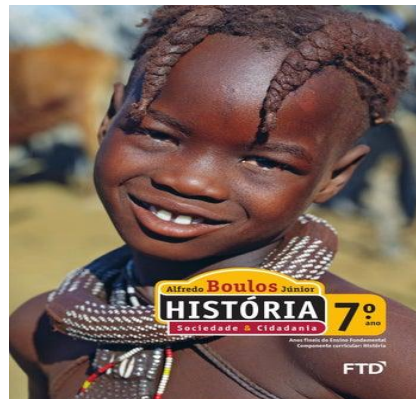
O contexto pelo qual a primeira coleção transitou foi entre 2017 a 2019, período em que o contexto político estava em constante mudança. Foi à transição do governo do então presidente Michel Temer para o governo do Jair Messias Bolsonaro. Vale ressaltar que a partir do governo Bolsonaro a educação brasileira tem passado por inúmeros desafios, principalmente em investimentos nas escolas públicas para o direito a uma educação igualitária.

A coleção foi produzida em São Paulo pela editora FTD Educação e está em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC para o ensino fundamental de História e procura atualizar os conteúdos, sempre que possível mostrando mais de um ponto de vista para o mesmo acontecimento, o que firma um compromisso com a ideia de que desenvolver a leitura e a escrita dos estudantes é tarefa de todas as áreas. Além disso, ela identifica, de acordo com as competências

da BNCC, a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

De início, na coleção do Alfredo Boulos Júnior, a capa do livro (figura02) destaca a figura de uma criança negra africana, dando ênfase à importância da cultura afro-brasileira. Retratar, na capa, uma criança negra e sua representatividade cultural é importante, porque já chama a atenção para a visibilidade negra a partir do material didático. Ideia interessante para todos que participam da idealização do livro.

Figura 02 - Capa do livro didático



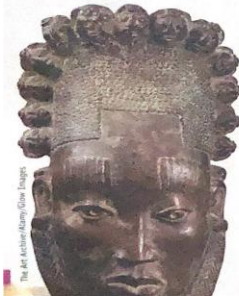
Fonte: Boulos, 2015.

No contexto da obra de Alfredo Boulos, observamos que o autor, utiliza muitas imagens que referenciam os temas trabalhados. São imagens marcadas pela beleza e pelo valor histórico, tornando o ensino convidativo e prazeroso. Além disso, aqui se encontram o saber aceito pela comunidade de historiadores, a diversidade cultural brasileira e o convite para que os alunos construam o conhecimento histórico. Afinal, um dos pilares da coleção é a ideia de que o ensino de História é uma construção coletiva.

Os eixos temáticos escolhidos estão organizados em unidades e capítulos, sempre com títulos em letras maiúsculas e com cores fortes para chamar a atenção do aluno para a temática. Porém, é evidente que o assunto sobre a cultura negra ainda continua com um destaque menor em relação à cultura europeia, e o empoderamento em relação aos europeus é demonstrado por cargos e ocupações como comandantes e detentores das terras, da religião e da sociedade em geral. Abaixo podemos observar algumas divisões do capítulo e seus temas (figura 03):

Figura 03 - Sumário da coleção História, Sociedade e Cidadania

SUMÁRIO	
Unidade 1 DIVERSIDADE E DISCRIMINAÇÃO RELIGIOSA 10	
Capítulo 1 Os francos	12
A formação da Europa medieval	13
Germanos: onde viviam e quem eram?	15
O Reino dos francos	18
O Império Carolíngio	20
Atividades	25
I. Retomando	25
II. Leitura e escrita em História	26
III. Integrando com... Língua Portuguesa	29
IV. Você cidadão!	29
Capítulo 2 O feudalismo	30
A formação da Europa medieval	31
O feudalismo	31
A sociedade feudal	33
Economia	36
Atividades	41
I. Retomando	41
II. Leitura e escrita em História	42
III. Você cidadão!	44
Capítulo 3 Os árabes e o islamismo	45
A Península Arábica	47
Atividades	57
I. Retomando	57
II. Leitura e escrita em História	60
III. Você cidadão!	62
Capítulo 4 Povos e culturas africanas: malineses, bantos e iorubás	64
Árabes na África	65
O Império do Mali	66
Os bantos	69
Os iorubás	74
Atividades	82
I. Retomando	82
II. Leitura e escrita em História	86
III. Integrando com... Língua Portuguesa	87
IV. Você cidadão!	89
Capítulo 5 China e Japão	90
Dinastia Tang	91
A sociedade	92
O budismo	93
A dinastia Song	97
A China invadida	99
Japão	100
Atividades	108
I. Retomando	108
II. Leitura e escrita em História	110
III. Você cidadão!	113
Unidade 2 ARTE E RELIGIÃO 114	
Capítulo 6 Mudanças na Europa feudal	116
O revigoramento do comércio e das cidades	119
A força da Igreja	123
Conhecimento e arte	128
Crise, doenças e revoltas	129
Atividades	133
I. Retomando	133
II. Leitura e escrita em História	136
III. Integrando com... Ciências	138
IV. Você cidadão!	139
Capítulo 7 Renascimento e Humanismo	140
O contexto	141
Renascimento: características	142
O humanismo	144
Arte e técnica no Renascimento	144
O Renascimento italiano	145
A expansão do Renascimento	150
Atividades	154
I. Retomando	154
II. Leitura e escrita em História	156
III. Integrando com... Língua Portuguesa	157
IV. Você cidadão!	158
Capítulo 8 Reforma e Contrarreforma	159
Motivos da Reforma	160
Os primeiros reformadores	161
Martinho Lutero	161



Fonte: Coleção História Sociedade e Cidadania, 2015.

A figura (04) abaixo é a segunda parte do sumário, que vai abordar a Unidade quatro sobre a economia e a sociedade açucareira no período colonial no Brasil.

como também os trajetos que eles faziam. Isto é algo que acaba fixando e despertando a curiosidade do aluno como o interesse em aprender.

A escolha do 7º ano anos finais do Ensino Fundamental se deu pelo fato de que é o período em que o aluno está aflorando o seu pensamento e seu senso crítico, além de que é a partir dos anos finais do fundamental que a representação dos negros começa a ser apresentada de forma mais complexa, dependendo da coleção.

É um material didático que, apesar de falhas em relação à abordagem do assunto contribui para a discussão. Como afirmou Ângelo Priori (1995): mesmo que o livro didático apresente equívoco ou problemas, por mais generalizante e por mais factual que se apresente, alunos e professores poderão elaborar um trabalho crítico, que consiga, com a introdução de novas fontes, ampliar os limites da análise histórica (PRIORI, 1995, idem p. 22).

De fato, o professor deve mobilizar o questionamento e o posicionamento crítico do aluno, em relação à cultura que consome e à história exposta nos materiais didáticos, como abordado inicialmente em nossos estudos, os livros passam por todo um processo não apenas de editoração, mas também de uma aprovação governamental, então é evidente que esse estereótipo, mesmo que superficial, prevaleça nos livros didáticos.

A ideia fundamental é que os professores mostrem a importância das políticas públicas afirmativas (de acordo com as Leis 10.639/03 e 11.645/08) e sempre busquem desconstruir os estereótipos negativos relacionados ao povo negro. Quando esses assuntos sobre o povo negro forem trabalhados superficialmente no material didático, a exemplo do livro, cabe ao professor utilizar de metodologia que propicie uma análise crítica do texto.

Em relação à temática negra para a formação educativa do ensino de História a partir da coleção História Sociedade e Cidadania, abordam-se pontos positivos por proporcionar uma forte questão iconográfica, mas o negro ainda é visto superficialmente na coleção.

A lacuna maior foi encontrada em dois capítulos pela forma resumida que eles foram retratados, sempre como servos, o que configura uma transmissão vaga do assunto: o negro visto superficialmente. Apesar de o manual ser um importante suporte para o aluno e o professor, o assunto sobre o negro para ser mais

aprofundado, precisa ser acompanhado de um pensamento crítico e de um diálogo constante em sala sobre esta temática e a reflexão em torno dela.

A segunda coleção escolhida para trabalhar foi o manual didático da Geração Alpha de História Ensino Fundamental anos finais do 7º ano, em sua 2ª edição - São Paulo, edição de 2018 a 2020. Trata-se de uma obra coletiva e organizada pelo Grupo SM Educação. A proposta de projeto educativo idealizada pelo Grupo SM surgiu com base em um coerente trabalho pautado em valores presentes em suas iniciativas educacionais, tendo como foco primordial apoiar instituições de ensino na transformação de suas propostas formativas, sempre mantendo sua identidade e contribuindo para seu pleno desenvolvimento.

Esta coleção tem como uma das organizadoras Ana Lúcia Lana Nemi. Ela possui mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1994), doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (2003) e pós-doutorado em História pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa (2006). Tem experiência na área de História, com ênfase em Historiografia Ibérica e História Ibérica Contemporânea. A segunda organizadora, a Débora Yumi Motook é Coordenadora e professora de História no Centro Educacional Objetivo Litoral e autora de livros didáticos de História. A coleção foi usada na cidade de Campina Grande. Abaixo podemos observar a capa do livro mostrando a diversidade de culturas (figura 05).

Figura 05 - Capa Livro Didático coleção Alpha



Fonte: Geração Alpha, 2018.

O objetivo principal da coleção da Geração Alpha é formar pessoas que desenvolvam a escrita e a leitura, partindo do que os organizadores dizem ser a proposta da educação no século XXI. A coleção demonstra querer provocar um olhar crítico do aluno sobre a sociedade, e provocar para que eles aprendam a criar soluções próprias para os problemas, principalmente para avaliar a própria aprendizagem.

A organização dos conteúdos é orientada pela sequência cronológica e pela simultaneidade histórica de diversas culturas em diferentes espaços, proporcionando à coleção um fio condutor, e oferecendo aos alunos uma importante compreensão dos processos históricos. Essa é a principal ideia que a coleção quer apresentar, na visão da autora. Como a proposta do livro é destinada ao ensino fundamental anos finais, a interpretação de textos é um recurso importante no processo de ensino-aprendizagem. Os textos em si podem ser utilizados como fontes históricas e historiográficas.

A coleção é do período entre 2018 e 2020 quando o processo político estava em transição, com a mudança para o governo do atual presidente Jair Messias Bolsonaro. No ano seguinte, em 2019, ele pretendia mudar o edital dos manuais didáticos e permitir os erros e propagandas nos livros. Uma das principais abordagens pensadas pelo novo presidente consistia em retirar a ideia de que as ilustrações retratam “adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país”.

Ou seja, as figuras presentes nos livros didáticos não precisariam mais, mostrar negros, brancos e índios, e seria aprovado um livro com ilustrações com crianças brancas apenas (Fonte: Estadão).

Apesar de toda a exigência do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, as ideias do presidente poderiam ser aprovadas. Essa segunda coleção, apesar de ter sido lançada no ano anterior a esse novo mandato, ainda pode-se analisar equívocos nos assuntos. O que preocupa é o pensamento dos poderes políticos em relação à educação, incentivando o preconceito que persiste em nossa sociedade.

A coleção está dividida em quatro volumes, de modo a contemplar todos os anos finais do Ensino Fundamental, cada um dos volumes apresenta nove unidades que são compostas de dois a quatro capítulos cada (figuras 06 e 07). O que mais chama atenção na organização do manual didático da Geração Alpha é uma tabela baseada no que a Base Nacional Comum Curricular quer apresentar no ensino de

História. Ela é dividida em quadros apresentando os capítulos, e o motivo pelo qual esses temas devem ser aplicados no ensino de História e na formação dos alunos, principalmente nos estudos da África no qual se aborda como habilidade principal os processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus sem engrandecê-los. Mais à frente poderemos observar se o que a coleção apresenta é realmente verdadeiro.

Figura 06 - Divisão das unidades

7º ANO		
UNIDADE 1 – ÁFRICA: MUITOS POVOS		
Capítulos	1. Povos do Sahel 2. Povos Iorubá	3. Povos da África Central à África Meridional
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • O estudo da história da África • As sociedades do Sahel e as rotas comerciais transaarianas • O reino de Gana, o Império do Mali e o Império Songai • A tradição oral africana • Características políticas e sociais dos Iorubá • Tecnologias Iorubanas • Características políticas e sociais dos Bantu 	HISTÓRIA DINÂMICA A tradição oral africana ARQUIVO VIVO As esculturas Iorubanas VALORES Criatividade, Respeito e Responsabilidade.
Objetos de conhecimento	Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial As lógicas mercantis e o domínio europeu sobre os mares e o contraponto Oriental	
Habilidades	(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas. (EF07HI14) Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente. (EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.	
UNIDADE 2 – A EUROPA OCIDENTAL NO INÍCIO DA ERA MODERNA		
Capítulos	1. Uma visão de mundo renovada 2. A Reforma Protestante	3. A Contrarreforma
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • O conceito de Renascimento e o pensamento humanista • A Igreja e os interesses materiais • A reforma Luterana e o Calvinismo • O concílio de Trento • A Inquisição e a censura inquisitorial • Os jesuítas, a expansão católica e a arte barroca 	HISTÓRIA DINÂMICA O conceito de Renascimento ARQUIVO VIVO A Reforma e os ritos VALORES Criatividade, Justiça, Respeito e Honestidade.

Fonte: GeraçãoAlpha, 2018.

Além disso, em meio à apresentação das unidades, existe uma sequência de textos de apoio sobre os temas que serão abordados ao longo das aulas. Em destaque, um breve texto sobre os “Avanços e desafios no ensino de história africana, afro-brasileira e indígena”. Abaixo, na figura 07, podemos observar que antes mesmo de começar a apresentar o sumário do livro, podemos entender o que realmente a BNCC impõe para que seja ensinado aos alunos e quais os objetivos a serem alcançados.

O sumário apresenta a primeira unidade intitulada como *África: Muitos Povos*. Esta foi uma das unidades escolhidas para ser analisada. Diferente da coleção de Alfredo Boulos, essa investiu em textos de apoio e poucas imagens. De início ela

retrata alguns povos africanos tentando superar a visão eurocêntrica da História, priorizando a valorização das narrativas históricas dos diferentes povos e regiões. Vejamos a figura 08, na página seguinte.

Figura 07 - Divisão das Unidades II

UNIDADE 8 – A ÁFRICA NA AMÉRICA PORTUGUESA		
Capítulos	1. Os africanos na América portuguesa	2. A sociedade do engenho
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • A escravidão no continente africano • Os portugueses na África • O tráfico de escravizados • A chegada de africanos à América portuguesa • O trabalho dos africanos escravizados: conhecimentos e tecnologias africanas • Valorização e afirmação das identidades afro-brasileiras • Engenhos e sociedade do açúcar • Conexões entre África e América portuguesa 	AMPLIANDO HORIZONTES Moçambique: dança afro-brasileira no vale do Paraíba paulista ARQUIVO VIVO O quilombo dos Palmares VALOR Respeito.
Objetos de conhecimento	A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História A ideia de “Novo Mundo” ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa	As lógicas mercantis e o domínio europeu sobre os mares e o contraponto Oriental As lógicas internas das sociedades africanas As formas de organização das sociedades ameríndias A escravidão moderna e o tráfico de escravizados
Habilidades	(EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. (EF07HI08) Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências. (EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência. (EF07HI10) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial. (EF07HI13) Caracterizar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico. (EF07HI14) Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente. (EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.	

Fonte: Geração Alpha, 2018.

Figura 08 - Sumário Coleção Alpha

Sumário		
1	2	3
Unidade	Unidade	Unidade
ÁFRICA: MUITOS POVOS 9	A EUROPA OCIDENTAL NO INÍCIO DA ERA MODERNA 35	O ESTADO MODERNO 61
1. Povos do Sahel 12	1. Uma visão de mundo renovada 39	1. A formação dos Estados modernos 64
O estudo da história da África 12	O conhecimento em circulação 38	O fortalecimento do poder dos reis 64
As sociedades do Sahel 13	O pensamento humanista 39	Os novos aliados dos monarcas 65
As rotas comerciais transaarianas 14	A vida urbana e o Renascimento 40	Centralização na península Ibérica 66
O Reino de Gana 16	A produção artística e intelectual 41	A monarquia inglesa e o equilíbrio de poderes 67
O Império do Mali 17	• Atividades 44	O poder na França e a Guerra dos Cem Anos 68
O Império Songai 19	• História dinâmica: O conceito de Renascimento 45	• Atividades 69
• Atividades 20	2. A Reforma Protestante 46	2. A ascensão do Estado absolutista 70
• História dinâmica: A tradição oral africana 21	A Igreja e os interesses materiais 46	As monarquias nacionais no século XVI 70
2. Povos Iorubá 22	Heresias: um precedente para a Reforma 47	Disputas religiosas e soberania nacional 71
Ifé: local sagrado 22	A Reforma Luterana 48	Teorias em defesa do absolutismo 72
As cidades-Estado 23	Outras expressões da Reforma 49	Economia e sociedade no absolutismo francês 73
Modos de pensar e tecnologias iorubanas 24	• Atividades 50	As bases do mercantilismo 74
• Atividades 25	• Arquivo vivo: A Reforma e os ritos 51	A Inglaterra absolutista 76
• Arquivo vivo: As esculturas iorubanas 26	3. A Contrarreforma 52	• Atividades 77
3. Povos da África Central e África Meridional 27	O Concílio de Trento 52	• Arquivo vivo: A teoria de Bossuet e as representações de Luis XIV 78
Bantu: múltiplas identidades 27	A Inquisição e seus alvos 53	ATIVIDADES INTEGRADAS 80
Diferentes modos de vida 28	A censura a ideias e livros 54	IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 82
Reino do Congo 29	Os jesuítas e a expansão católica 55	
Outros reinos Bantu 30	A arte barroca e a religião 56	
• Atividades 31	• Atividades 57	
ATIVIDADES INTEGRADAS 72	ATIVIDADES INTEGRADAS 58	
IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 74	IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 60	

Fonte: Geração Alpha, 2018.

As unidades escolhidas foram a Unidade um, capítulo um intitulado *África: Muitos Povos*, tratando, de início, da importância que a África representa como sendo o berço da humanidade e a sua grande diversidade étnica, linguística e cultural. É interessante ressaltar que o capítulo é iniciado apresentando a África de uma forma introdutória positiva, e posteriormente o capítulo identifica as formas de organizações e culturas diferentes, sendo um fator importante para o aprendizado dos alunos a ênfase a esses povos e a promoção de um diálogo sobre a diversidade, que são os Iorubás, assunto visto na primeira coleção analisada.

A diferença da discussão neste primeiro capítulo para as discussões levantadas pela outra coleção é a presença de muitos textos abordando sobre o povo negro, no entanto, sem muitos recursos imagéticos que possibilitassem relacionar o texto às imagens. Em outro capítulo, a cultura negra é analisada na oitava unidade, a partir de um capítulo denominado *Os africanos na América Portuguesa*. Ao longo do

capítulo percebem-se as diferentes formas de escravização, mas ele também aborda a dominação dos portugueses ao chegarem ao norte da África.

No capítulo dois há uma menção à “A Sociedade do Engenho”, a centralização do negro se faz presente, neste capítulo e nos chama a atenção a forma como a pessoa negra é visualizada, ainda no trabalho, na condição de escravizado. Mostram-se a evidência das diferenças de classes.

A escolha do 7º ano se verificou pelo fato de que é neste ano escolar que se discute mais amplamente a questão do povo negro. Isto ocorre basicamente pelo fato de que é o período em que os alunos estão aprendendo a pensar sobre a diversidade dos povos e culturas e as diferentes formas de organização, como também reconhecer a diversidade desde a base cultural, conviver com elas e respeitar as diferentes religiões, costumes e cor da pele independentemente.

No que se refere à aprendizagem do aluno, enfatizamos que a coleção Alpha, apesar de ter abordagens mais parciais, retrata um breve texto sobre os africanos, informando que se trata de reeducar as relações entre brancos e não brancos, instigando o aluno à valorização do pertencimento étnico-racial dos afrodescendentes e dos indígenas, mostrando a importância da construção de uma nação democrática, em que todos tenham seus direitos garantidos, além da sua identidade valorizada.

A coleção inicia com a exposição dos africanos a partir de suas culturas e costumes. É notório nesta coleção, sobretudo neste capítulo, a pouca utilização de recursos imagéticos, que, acreditamos, muito contribuiria para que o aluno pudesse associar a discussão textual com a imagem, mas isto não exclui o fato de estarem frisadas em dois capítulos as representações e suas formas de luta do povo negro e a opressão de brancos.

Bittencourt (2008) sinaliza que atualmente as obras didáticas estão repletas de ilustrações que parecem concorrer, em busca de espaço, com os textos escritos. Essa opinião nos leva a deduzir que a questão iconográfica ganha espaço nos manuais didáticos como uma forma de tentar chamar a atenção do aluno, que muitas vezes não se encanta em um material com muito texto.

Para o debate na sala de aula de História, a imagem como um recurso que o docente utiliza pode colaborar e orientar de forma didática o professor baseado nos textos apresentados sobre o assunto, possibilitando que este, ao trabalhar com o

aluno, possa propiciar que este articule as produções escritas com as imagens a elas associadas.

Embora, o livro aborde os portugueses como os “donos de tudo”, cabe ao professor fazer, junto com os alunos, a reflexão do que isto significou e principalmente fazer a correlação com o uso de mapas que revelem a riqueza de estudar a África, desmistificando a ideia muitas vezes se sustenta na escola que é um país, apontando este continente pela sua diversidade e significado histórico e cultural deste povo para a aprendizagem histórica em sala de aula.

O fazer docente estará sempre impregnado com as concepções de mundo, de vida e de existência dos sujeitos da prática. Desta forma, o debate contínuo, junto com as pesquisas e o material didático pode colocar o professor em processo de contextualização do ensinar e aprender dos alunos sobre a cultura afro-brasileira e os saberes africanos.

Porém, é perceptível que, por mais avanços que o livro didático tenha tido, a representação do povo negro, africano ou afro-brasileiro, na maioria das vezes está ligada à condição de escravizado e, em poucas aparições, na condição de herói ou ainda de sujeito histórico que seja atuante.

Situações assim fazem com que o papel do negro na sociedade ainda permaneça estigmatizado e estereotipado, embora haja avanços na representatividade do negro, há silenciamentos que infelizmente não serão desconstruídos em tão pouco tempo. É necessária a construção de um novo olhar sobre essa representatividade do negro e de uma nova mentalidade para perceber o racismo nos discursos de coleções didáticas e em práticas pedagógicas que inferiorizam e desumanizam a população negra em suas histórias e culturas e construir uma práxis pedagógica inclusiva.

Vale ressaltar que os profissionais da educação, desde os autores de livros até os professores das escolas, têm uma função primordial na luta pela desconstrução de estigmas e estereótipos em relação às etnias negadas, a exemplo, do povo negro, apresentando a luta e resistência para a construção de uma sociedade menos desigual e mais justa, por meio da educação antirracista. É importante que os manuais didáticos, dentre eles o livro didático de História, possam estimular a inclusão e não exclusão deste povo e de sua história.

As duas coleções escolhidas em alguns momentos deixaram a desejar em relação ao ensinar a importância que o negro tem em nossa sociedade na construção da história do Brasil, mas, por outro lado apresentaram, mesmo que brevemente, as formas de viver, as culturas que eles seguem e, mesmo sendo apresentados como submissos em alguns momentos contraditórios, merecem a reflexão e o pensamento sobre esse povo, que representa a história de luta desse Brasil que até os dias atuais luta por igualdade em todos os espaços educacionais.

3.2 Imagens do povo negro no livro didático¹

Neste tópico serão realizadas análises de como as coleções escolhidas apresentam a imagem dos negros e de suas culturas ao longo dos capítulos que selecionamos para estudo e pesquisa, notabilizando como os textos dos capítulos discutem esta temática. Nossa proposta é mostrar como as linguagens, atividades e a produção dos capítulos analisados, na perspectiva das imagens pode auxiliar o docente no ensino sobre estes povos.

No quarto capítulo da coleção História, Sociedade e Cidadania, intitulado *Povos e culturas africanas: Malineses, Bantos e Iorubás*, observamos a composição gráfica das páginas dessa coleção didática e deparamo-nos com os critérios que balizaram sua organização e o seu projeto gráfico. Os subtítulos foram impressos com letras em caixa alta, em cores diferentes do texto explicativo, uma cor mais chamativa, como também ocorre no número do capítulo. A parte das imagens, começa com três figuras negras e duas brancas (figura 09), mostrando os países ao qual fazem parte, e um mapa como destaque.

Em relação aos textos, estes são breves resumos de uma linguagem adaptada para os alunos do 7º ano, uma explicação superficial, sem aprofundamento com o assunto. Tais textos foram diagramados em colunas e reduzidos, ocupando, assim, pouco menos da metade da página. As colunas de textos variam nas posições das páginas, às vezes, apareciam na coluna da direita e outras vezes, na esquerda.

¹ Utilizaremos durante o desenrolar de todo o texto, o termo imagens visual e seu sinônimo iconografias, pois reconhecemos que as sociedades modernas têm reduzido o significado da palavra imagem apenas para sua característica de evidência visual (ver, para tal, DEBORD, G. 2000). Ainda segundo Aumont J. "As imagens têm inúmeras atualizações potenciais, algumas se dirigem aos sentidos, outras unicamente ao intelecto".

No espaço restante de página que se contrapunha aos textos, foram impressas as imagens, os mapas, infográficos e curiosidades sobre o tema, as imagens e os mapas são muito coloridos e ocupam mais de um terço do espaço de impressão digital, tentando atrair os olhares dos leitores, em especial dos alunos e os estimular para que estes observem primeiro a imagem visual antes de ler todos os textos, mesmo que os textos sejam mais resumidos. As duas imagens abaixo vão retratar o início deste capítulo, que vai da página 64 a 65.

Figura 09 - Povos e culturas africanas: Malineses, Bantos e Iorubás



Fonte: Boulos, Alfredo Júnior, 2015.

A presença dos mapas é persistente no início do capítulo, e é abordado pela diferença de cores e representação que cada um tem nos países africanos explicitados, mas sem estereotipar as figuras expostas, abordadas de maneira geral e breve. Vejamos a figura 10:

Figura 10 - Árabes na África



Fonte: Boulos Júnior, Alfredo, 2015. p.64-65.

A diferença da segunda página é a abordagem sobre a influência dos povos árabes na África e sobre como eles conquistaram alguns territórios africanos. De certa forma percebemos o recorte, na figura ao lado esquerdo, do homem negro carregando uma pedra como complemento, abordando uma curiosidade sobre o sal e desmitificando, através da antiguidade do comércio africano, a ideia difundida de que as sociedades africanas eram isoladas umas das outras, esta ideia deveria ser excluída.

Nesse momento fica evidente como a valorização de que a África tem suas riquezas e suas histórias são mostradas resumidamente, em boxes, pois o foco principal do capítulo é destacar os povos árabes na África e toda a importância desses povos que fizeram parte das terras africanas, e não se abrange a importância deste continente no tocante à influência de outras civilizações, inclusive de outros continentes.

Podemos observar, na figura (11) a seguir, que vai retratar o império do Mali, a identificação de que as principais fontes orais são as africanas, o tema é exposto de forma bastante resumida e inicialmente não provoca o aluno para entender sobre o assunto, pois começa a explicação abordando o Império e suas riquezas e posteriormente encerra o assunto.

Figura 11 - O Império do Mali

O Império do Mali

As principais fontes para o conhecimento do Império do Mali e seus habitantes são:

- as fontes orais africanas;
- as fontes arqueológicas;
- as fontes escritas árabes, como os relatos do viajante Ibn Battuta.

Para saber mais

Os griôs

A transmissão oral de conhecimento era uma prática comum nas sociedades tradicionais africanas. Os transmissores eram muitos: entre eles estavam os *griôs*, conhecidos também como bibliotecas vivas.

O *griô* era um indivíduo encarregado de preservar e transmitir as histórias, conhecimentos e canções de seu povo. Além dos *griôs* contadores de histórias, havia também os *griôs* músicos, que cantavam, tocavam e conservavam canções importantes para o grupo; e havia, ainda, mulheres *griôs*, que faziam o mesmo que os *griôs* homens.

O baobá é uma árvore típica das savanas africanas. No passado, quando um *griô* falecia, o seu corpo era enterrado dentro de um baobá, árvore considerada sagrada e cujos troncos são ocos. Acreditava-se que, ao enterrar o corpo de um *griô* nessas árvores, suas histórias e canções continuariam sendo divulgadas e conhecidas por muitos.

Fotografia atual de jovens caminhando na Avenida dos Baobás, na Ilha de Madagascar, África. A avenida possui 25 baobás com cerca de 30 m de altura cada.

Ibn Battuta
Nasceu em 1304, na cidade de Tangier, no Marrocos. Seguidor do islamismo, foi um grande viajante. Iniciou suas viagens por Mecca e depois percorreu vários pontos da África, Ásia e Europa, entrando em contato com diversos povos e culturas. O material recolhido em suas viagens está contido em uma obra de nome *Rihla*, um documento rico com informações históricas dos diferentes modos de vida no século XIV.

Retrato de El Hadj Diamba Hadj Diabate, líder dos griôs do Mali. Pelo conhecimento que possuem, os griôs eram considerados verdadeiras "bibliotecas vivas".




66

Fonte: Boulos Júnior, Alfredo- História Sociedade e Cidadania. p. 66

A abordagem das figuras do Império do Mali tem um destaque para a figura do líder dos Griôs do Mali, que tinham muitos conhecimentos e que eram consideradas verdadeiras bibliotecas vivas e, mais abaixo, ao lado do texto, a figura de dois rapazes negros caminhando na Avenida dos Baobás. Apresentar as diferentes culturas é um ponto importante, essas imagens deveriam, no entanto, ter explicações mais claras.

O próximo tópico do capítulo é intitulado *Bantos no Brasil*. Em apenas três linhas são abordadas que a maioria dos milhões de africanos entrados no Brasil entre os séculos XVI ao XIX eram falantes de línguas bantas e, posteriormente, um é exposto um quadro com algumas palavras bantas que influenciaram o português que é falado no Brasil. Este é um assunto interessante e que poderia ser melhor aprofundado.

Apesar das lacunas em relação ao tópico, poderemos analisar a tabela, e logo abaixo (figura 12) um quadro de curiosidades sobre uma herança cultural dos povos bantos, representado por um grupo Jongo de Piquete, no interior de São Paulo em 2007.

Figura 12 - Tabela das palavras bantas

Palavras bantas	
Berimbau – Arco musical, instrumento indispensável na capoeira.	Fubá – Farinha de milho ou arroz.
Caçula – O mais novo dos filhos ou dos irmãos.	Jitô – Fruto do jiloeiro, de sabor amargo.
Canjica – Papa de milho verde ralado a que se junta leite de coco, açúcar, cravo e canela.	Moleque – Menino, garoto, rapaz.
Carimbo – Selo, sinete, sinal público com que se autenticam documentos.	Quiabo – Fruto do quiabeiro, muito usado na cozinha cerimonial afro-brasileira e balana.
Cochilo – Ato de cochilar.	Quitute – Petisco, iguaria de apurado sabor.
Dendê – Palmeira ou fruto da palmeira. Óleo vermelho obtido da palmeira dendê, de grande uso na culinária religiosa afro-brasileira e balana; óleo de palma no português de Portugal.	Samba – Dança e música popular brasileira de compasso binário e acompanhamento sincopado; a música que acompanha essa dança.

Fonte: CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

Para saber mais

Jongo: herança cultural dos povos bantos

Entre as manifestações culturais de raiz banto no Brasil está o Jongo, canto e dança coletiva que conta com percussão de tambores, e floresceu durante a expansão da cafeicultura no Vale do Paraíba fluminense e paulista. Em 2005, o Jongo foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O Jongo é praticado em todos os estados brasileiros da Região Sudeste e é chamado também de Caxambu.



Apresentação do Grupo Jongo de Piquete, interior de São Paulo, 2007.

73

Fonte: Boulos, Júnior Alfredo, 2015. p. 73.

Continuando a análise da coleção História Sociedade e Cidadania, há um tópico sobre os lorubás. Observamos que esta parte o capítulo exalta diversos tipos de figuras negras importantes, com uma linguagem próxima do entendimento dos alunos e sempre ressaltando a importância desses povos nas terras da África Ocidental e para a formação cultural do Brasil.

Após o título, ainda neste capítulo, podemos encontrar a figura de uma mulher negra com o seu filho. Eles explicam que a imagem é de uma mãe falante da língua iorubá, com seu filho no colo e ela é da Nigéria. Desta forma o autor vai explicando a importância dessa língua e pontuando que os lorubás possuem grande número de descendentes, tanto em Cuba como no Brasil.

Abaixo (figura 13), podemos observar a figura da mãe, mas falta informação sobre a fonte dessa foto, que é um dos fatores que o PNLD exige que nos manuais didáticos tenham: a fonte das imagens que são apresentadas nos livros, mas nessa coleção apenas essa imagem não tem referência.

Figura 13 - Mãe falante da língua lorubá



Fonte: Boulos, Júnior Alfred. 2015. p.74.

Na passagem do capítulo que se refere aos lorubás no Brasil, a referência é dada aos artistas negros, desde cantores artistas plásticos, escultores e pintores. A coleção retrata no capítulo a importância dessas figuras e que fazem parte da cultura lorubá, que se mostra muito bem explanada, dentre todas as outras formas de retratar a figura negra.

No capítulo, além das imagens que são postas em tamanho considerável, foi dada uma explicação resumida, sobre a representação de cada artista apresentado.

A primeira representação é a cantora Margareth Menezes (figura 14), que tem relativa importância na cultura lorubá, através de suas músicas, sempre retratando os momentos históricos que os negros passam, e até mesmo fazendo exaltação à cultura egípcia, ela é uma mulher negra que deve ser lembrada principalmente por todas as suas contribuições nessa luta pelas culturas africanas em geral.

O segundo nome é o de Emanuel Araújo (figura 15), escultor e professor brasileiro de artes gráficas que, através de sua arte, expressa, na pintura a representação dessas culturas africanas que tendem a serem ocultadas. É graças às artes que apenas pela visualização, se pode retratar muitas informações e gerar inquietações dos alunos.

Figura 14- Cantora Margareth Menezes

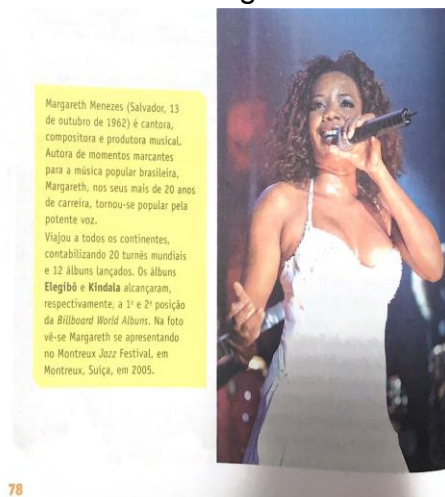


Figura 15 - Emanuel Araújo



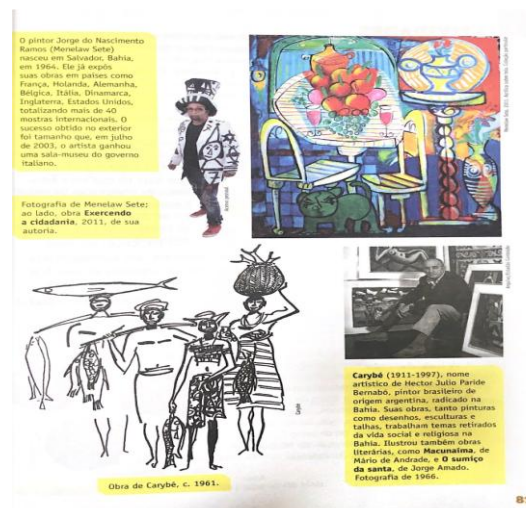
Fonte: Boulos, Júnior Alfredo, 2015.

A terceira figura que é representada nesse capítulo é o mestre Didi (figura 16). Ele foi um escultor de temas da religiosidade e do sagrado africano e ícone da cultura lorubá, através das imagens, das pinturas e das esculturas que fazem parte de monumentos em todo o Brasil. Acreditamos que é possível levar o aluno a despertar seu interesse pelo assunto.

Figura 16 - Mestre DIDI



Figura 17 - Pintor Jorge Nascimento e o pintor Carybé



Fonte: Boulos, Júnior Alfredo, 2015.

Outros artistas citados, representados acima, na figura 17, são Jorge Nascimento Ramos com suas rústicas pinturas retratando a cultura lorubá que, de certo modo, representa a figura negra, e o Carybé com suas pinturas baseadas em

grandes obras literárias como *Macunaíma* e *O sumiço da Santa*, dois exemplos de identidades históricas do Brasil e do povo negro.

Em relação às atividades propostas ao final (figura 18), elas trazem, de fato, uma linguagem adequada para o aluno, e para o entendimento resumido que o assunto mostrou em alguns momentos, e perguntas mais resumidas e diretas. Com essa atividade é encerrada a unidade que se dedica a explicar sobre algumas culturas pertencentes à África, abaixo pode se observar como esta parte foi estruturada.


Figura 18 - Atividades

ATIVIDADES

I. Retomando

1. Observe o mapa com atenção e responda.

O comércio transaariano (séculos X a XV)



a) Qual é o assunto principal do mapa?

b) Além das rotas de comércio, que outras informações importantes o mapa nos dá?


c) Com base no que você estudou e na observação do mapa, é possível concluir que o sal era um produto importante no comércio através do Saara? Justifique.

Fonte: MELLO E SOUZA, *Marinha de África e Brasil Africano*. São Paulo: Ática, 2006, p. 13.

2. Leia o texto com atenção.

A noz-de-cola

A noz-de-cola é um produto da floresta [...]. No interior desse fruto de diversas variedades, ficam os gomos, com um sumo extremamente amargo, que, ao ser consumido nas regiões áridas do deserto [...], sacia a sede e produz uma sensação de bem-estar graças ao seu alto teor de cafeína.



Árida
Seca.

Fotografia de frutos da noz-de-cola.

De conservação delicada, era transportado com cuidado, envolto em folhas verdes e largas, tendo de ser constantemente reembalado para que seu frescor fosse mantido. Oferecido aos visitantes ilustres, não podia faltar entre os bens das pessoas de maior distinção. [...] Tinha alto valor de troca, o que compensava as longas distâncias e os cuidados especiais relacionados ao seu comércio.

No Brasil a noz-de-cola, conhecida como obi e orobo, tem lugar de destaque na realização de alguns cultos religiosos afro-brasileiros.

MELLO E SOUZA, *Marinha de África e Brasil Africano*. São Paulo: Ática, 2006, p. 18.

a) A noz-de-cola é uma planta nativa da África. Para que serve o seu fruto?

b) A noz-de-cola exigia cuidados especiais no seu transporte e na sua conservação. Apesar disso, era muito vendida nos mercados de Tombuctu. Como você explica isto?

3. Identifique a afirmativa **INCORRETA** e corrija-a.

a) A frente do povo mandinga, Sundiata Keita venceu o povo sosso e fundou o Império do Mali.

b) No poder, Sundiata Keita converteu-se ao islamismo, organizou o seu império e fixou sua capital em Niani.

c) O Império do Mali era pouco extenso e teve curta duração.

d) A base da economia malinesa era a mineração (ouro e bronze); a agricultura (milhete, inhame, algodão etc.) e a pecuária (bovinos, ovinos e caprinos).

4. Leia o texto e responda.

No século XIV, Tombuctu e Jenné desenvolveram-se ainda mais com sua integração ao comércio transaariano. Valentim Fernandes descreve que, em Tombuctu [...] o sal, trazido em camelos, abastecia as almadias (grandes embarcações feitas em um só tronco), que se dirigiam a Jenné, onde era trocado por ouro, vindo da região dos povos acás e de Lobi [...]. De Jenné, o sal rumava à savana e, dali, à floresta [...]. Esse comércio entre a savana e a floresta era realizado pelos soninquês e pelos mandingas, estes últimos conhecidos também como Wangara [...].

MATOS, Regiane A. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 23.

a) Qual o assunto principal do texto?

b) Vimos que, ao longo do século XIV, além de polo comercial, a cidade de Tombuctu tornou-se também um importante centro intelectual. Explique por que a cidade ganhou destaque na época.

5. O que explica a força e a duração do Império do Mali?

Fonte: Boulos, Júnior Alfredo, 2015. p 82-83.

A coleção vem representando a parte iconográfica com imagens que ocupam toda a apresentação do capítulo e se inicia com a figura de um trabalhador rural, negro e indagando o aluno numa série de questionamentos, propondo que os alunos discutam, a partir dos questionamentos feitos e que o docente provoque o aluno a refletir a partir sobre as questões levantadas (figura 19).

Figura 19 - Economia e Sociedade Açucareira



Figura 20 - Jovens Africanos



Fonte: Boulos, Júnior Alfredo, 2015.

Em relação à economia açucareira, a representação dos negros é feita através do processo de escravização africana e indígena. As separações foram definidas entre os portugueses, negros e mulatos, assumindo também a tese de que, com a mão de obra escrava o capitalismo no Brasil alavancou.

Na figura 20, acima, temos que, no meio do capítulo são apresentados dois jovens negros angolanos, que é um país habitado por descendentes dos povos bantos. Explicou-se que os Bantos eram povos que tinham um excelente domínio da metalurgia do ferro e que os portugueses conheciam as habilidades dos bantos através do trabalho deles no engenho. Esse segundo capítulo da coleção até então é o que aborda os negros escravizados para servirem de mão de obra para os brancos, principalmente pela comparação dos jovens que poderiam apenas apresentar a cultura Banta para os jovens.

A próxima imagem analisada, a figura 21, refere-se ao trabalho na organização do engenho colonial e onde as escalas sociais são divididas. Verificamos, no capítulo, uma imagem inteira dedicada ao entendimento da divisão do engenho, o lugar onde cada um vive os transportes que utilizam e quem comandava os escravos que seria o feitor-mor. Esta organização pode ser problematizada em sala de aula, para que os alunos possam aprender como era feita essa divisão, a seguir são apresentadas cenas no engenho e do trabalho com a cana de açúcar.

Figura 21 - Engenho Colonial



Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 9, n.94, p.31, julho, 2013.

Figura 22 - O trabalho no engenho



Fonte: Boulos, Júnior Alfredo, 2015.

Em relação ao trabalho no engenho (figura 22) a imagem propõe destacar como é feita a divisão para cada processo da cana de açúcar e retrata a sociedade açucareira que sabemos que era organizada entre proprietários de terras e os escravos que não eram donos nem de si mesmos, a imagem em destaque do capítulo faz parte de um quadro na página, que se chama dialogando.

Acreditamos que o livro provoca os alunos para que eles pensassem acerca da imagem que estava sendo apresentada, é uma forma didática para que os alunos formem sua opinião, transformando essa imagem em uma aula para debates em relação ao uso das imagens.

A próxima figura (23) traz a imagem de um negro e uma negra aparentemente na fazenda onde trabalham, a partir dessa imagem o autor propõe uma análise crítica sobre as vestimentas que eles estão usando, fazendo com que o aluno desenvolva um olhar crítico, e até mesmo elimine esse estereótipo de que o escravo nesse período se vestia mal.

A penúltima imagem do capítulo (figura 24) representa a casa no Quilombo. O exemplo é de um quilombo em Alcântara (MA), é a única descrição que a imagem recebe, deixando vago o conhecimento sobre o Quilombo dos Palmares, importante referência para ser estudada pelos alunos e que de certa maneira não foi mencionada, a imagem acaba ficando sem sentido no meio do capítulo e passa despercebida.

Figura 23 - Negro e negra em uma fazenda Figura 24 - Casa no Quilombo



Johann Moritz Rugendas. Negro e negra numa fazenda, 1835.

Fonte: Johann Moritz Rugendas, 1835.



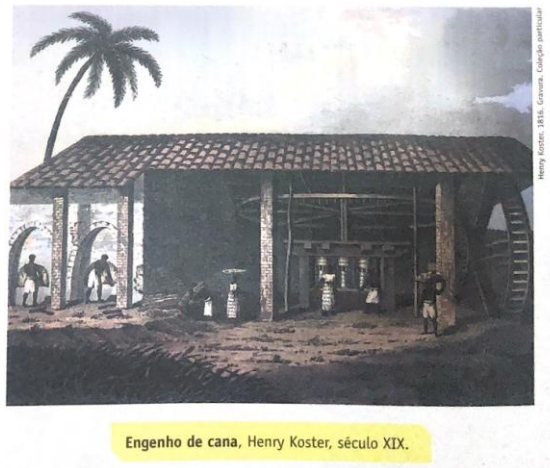
Casa no quilombo Itamatatiua, em Alcântara (MA), fotografia de 2009.

Fonte: Boulos Júnior, 2009.

A última imagem da coleção História Sociedade e Cidadania (figura 25) empreende um diálogo sobre o engenho de cana de açúcar do século XIX explicando para os alunos que nos engenhos neste período, as mulheres negras trabalhavam na moagem da cana, exigindo trabalho noite adentro. As mulheres são exemplificadas no material por correr perigo de perderem o braço por estarem muito exaustas, mas vale para os homens que trabalhavam muito. O que podemos perceber é que apesar de todo o preconceito ao redor das mulheres, elas também pegavam no trabalho da moagem, pois em muitos livros didático apenas a figura do homem é que trabalhava no engenho. Esta imagem é importante para discutir o papel da mulher negra no trabalho dos engenhos de cana de açúcar.

Em relação às atividades propostas (figuras 26 e 27) sobre o período colonial procurou se frisar os colonizadores como os poderosos, apontou-se que sem os escravos o Brasil não conseguiria avançar nem ter engenho recorrente e pediu-se para que os alunos coloquem suas conclusões acerca de dois textos de apoio na questão. Observamos que a coleção tem muitas imagens, que precisam ser trabalhadas de forma problematizadora.

Figura 25 - Engenho de Cana



Fonte: Rugendas. Séc XIX. Litogravura.

Figura 26 – Atividades

ATIVIDADES

1. Retomando

1) Escreva um pequeno texto sobre a colonização do Brasil seguindo o roteiro:

- os motivos pelos quais D. João III escolheu a cana-de-açúcar;
- a origem do capital investido;
- a mão de obra usada inicialmente.

2. Na passagem do século XVI para o XVII, os senhores de engenho passaram a preferir os africanos aos indígenas como mão de obra. Por que isso aconteceu?

3. Identifique a alternativa ERRADA e corrija-a no caderno.

- Nos tempos coloniais, além do açúcar, eram produzidos no Brasil gêneros como fumo, algodão, couro, cacau, entre outros.
- O fumo ou tabaco era um produto muito consumido, tanto aqui quanto no exterior. Na África era trocado por africanos escravizados.
- O algodão produzido nos atuais estados do Maranhão, Pernambuco, Ceará e Pará era exportado para a Inglaterra.
- O gado produzido no Brasil colonial servia apenas como alimento. A pecuária, portanto, era insignificante na economia colonial.

4. Os trechos citados a seguir foram escritos pelo André João Antonil, padre que viveu no Brasil colonial. Leia-o com atenção e a seguir responda.

Fonte 1

Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar a fazenda, nem ter engenho corrente.

ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. *Jangada Brasil*. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/mano/1690006.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

Fonte 2

No Brasil, costumam dizer que para o escravo são necessários três PPP, a saber, pau, pão e pano. E, posto que comecem mal, principiando pelo castigo que é o pau, contudo, prouvera a Deus que tão abundante fosse o comer e o vestir como muitas vezes é o castigo, dado por qualquer causa pouco provada, ou levantada; e com instrumentos de muito rigor, ainda quando os crimes são certos, de que se não usa nem com os brutos animais, [...].

CAMPOS, Raimundo Carlos Bandeira. *Grandezas do Brasil no tempo de Antonil (1681-1716)*. São Paulo: Atual, 1996. p. 34. (O Olhar Estrangeiro).

312

Figura 27 - Atividade parte II

- O que se pode concluir lendo a fonte 1?
- Como Antonil relata o tratamento dado aos escravizados? (Use suas palavras).
- Escreva uma frase relacionando a fonte 1 à fonte 2.

5. O texto a seguir é de um historiador; leia-o com atenção:

[...] além de castigarem seres humanos, as caldeiras necessitavam de grandes fornecimentos de lenha que, muito cedo, esgotaram as matas próximas dos engenhos. Tornou-se necessário então procurar florestas distantes cuja madeira, extraída por escravos, era transportada por barcos e carros de boi até o seu destino".

CAMPOS, Raimundo. *Grandezas do Brasil no tempo de Antonil (1681-1716)*. São Paulo: Atual, 1996. p. 22. (O Olhar Estrangeiro).

- Qual é o problema apontado pelo autor do texto?
- Esse problema tem consequências no presente? Explique.

6. Identifique a alternativa ERRADA e corrija-a no caderno.

- O governo holandês escolheu o conde João Maurício de Nassau para administrar o Brasil holandês.
- Nassau forneceu empréstimos aos senhores de engenho luso-brasileiros para que recuperassem suas lavouras e comprassem escravos.
- Para evitar possíveis conflitos entre os senhores de engenho (protestantes) e os holandeses (católicos), Nassau adotou a política de intolerância religiosa.
- Entre os melhoramentos realizados pelo governo de Nassau em Recife podemos citar: calçamento de ruas, abertura de canais, construção de pontes, jardins e hospitais.

Fonte: Boulos, Alfredo Júnior, 2015.

A coleção da Geração Alpha inicia apresentando uma estrutura explicativa e detalhista sobre o assunto a ser abordado. Introduce-se o capítulo da unidade sobre a África e seus muitos povos fazendo a leitura de uma imagem (figura 28), depois se

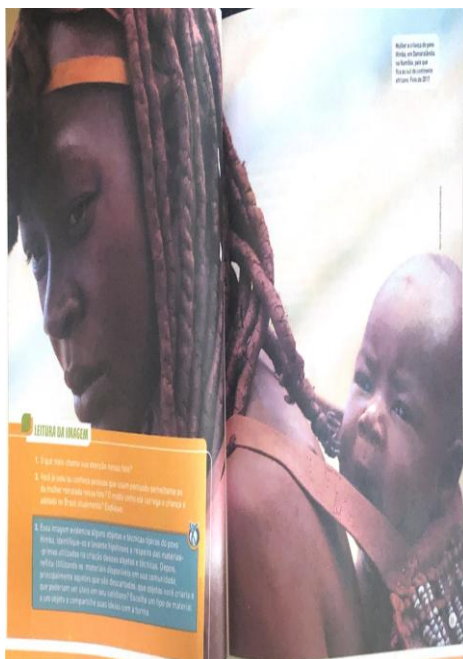
indaga o que chama a atenção do aluno na foto, se este conhece alguém que usa o estilo de cabelo da mulher negra e por que nome o modo como ela carrega a criança é conhecido no Brasil.

Além de questionar que o rosto dela transmite sofrimento, alegria ou uma vida mais difícil. A ideia principal com essa imagem é que o docente estimule o aluno a refletir sobre a presença africana no Brasil e a importância de conhecer essa cultura e de compreender a história social e cultural do Brasil, essa imagem proporciona aos alunos a imaginação e a busca por soluções.

Acerca do capítulo *Povos do Sahel*, que leva o subtítulo de *O estudo da História da África*, este enfatiza que o historiador tem que fazer uma relação entre passado e presente, e enfatiza também a importância da África. Mostra que a região do Sahel era uma importante rota comercial, e nela se desenvolveram atividades econômicas fundamentais para o desenvolvimento do continente africano. Na figura 29 podemos observar as rotas comerciais transaarianas e com a presença dos negros como escravos nesse período.

Figura 28 - Mulher e criança Himba

Figura 29 - As Rotas Comerciais



Fonte: GianLucacoreano\ Fotoarena, 2017.



Fonte: História geral da África, v. IV: África do século XII ao XVI. Brasília: Unesco, 2010

Em relação à atividade proposta (figura 30), o livro apresenta questionamentos que podem ser trabalhados em sala de aula a partir da formação de duplas para debaterem sobre a questão da imagem das rotas comerciais transaarianas, mas o desenrolar da atividade aborda apenas a importância que os reinos que faziam parte do continente africano tiveram com riqueza material. O que pode ser concluído desse primeiro capítulo é que os reinos sempre se fazem presentes, tanto na primeira coleção como nesta que estamos analisando, mas o diferencial é a provocação feita na imagem sobre as indagações para os alunos acerca daquele povo, neste sentido ela é negativa pelo fato da representação africana ser mais uma vez superficial.

Figura 30 - Atividade capítulo I

ATIVIDADES Responda sempre no caderno

1. Forme dupla com um colega. Retomem o mapa da página 15, leiam o texto abaixo e, em seguida, façam o que se pede.

As caravanas de comerciantes [...] que atravessavam o grande deserto em direção às regiões mais férteis do Sahel e do Sudão não transportavam somente mercadorias: elas propagavam novas concepções religiosas e culturais que encontraram eco no seio da classe dos mercadores antes de seduzir as cortes dos soberanos africanos.

Mohammed El Fasi (Ed.). *História geral da África*, v. III. África do século VII ao XI. Brasília: Unesco, 2010. p. 9.

a) Por quais locais passavam as rotas transaarianas?
 b) Localizem no mapa a região do deserto do Saara. Em que século foi mais intenso o comércio das rotas que passavam por essa região?
 c) A quais concepções religiosas e culturais o texto faz referência? De que modo elas podem ser relacionadas ao mapa?

2. O texto a seguir apresenta algumas fontes históricas sobre o Reino de Gana. Leia-o e, depois, responda às questões.

Al Bakri deixou-nos um relato carregado de admiração sobre a sua corte: "O rei [...] usa na cabeça uma espécie de chapéu pontiagudo, alto, semeado de ouro, em volta dos quais enrola um turbante de tecido de algodão muito fino. Concede audiência e recebe as queixas sob um pálido. À volta guardam dez cavalos ajezados de estufos de ouro. Por trás dele encontram-se dez pajens com escudos de couro e espadas. Estão soberbamente vestidos e usam o cabelo entrançado com fios de ouro". A riqueza e a ostentação da corte do Gana pode ser apreendida a partir de outro relato em língua árabe, que nos foi legado por Mahmud Kati, um historiador de Tombuctu. No seu *Tarikh el-Fetach* (Crônica do Buscador), ele escreve que, nas cavaliças reais,

cada um dos mil cavalos existentes só se detava em cima da sua própria esteira. E tinham à sua disposição um corpo de serviçais que beirava o exagero. Segundo ele, cada cavalo dispunha de uma bacia de cobre para urinar e "tinha junto de si três pessoas ao seu serviço: uma para o alimentar, outra para lhe dar de beber e a terceira para a urina e as dejeções". Além disso, todas as noites o palácio real era animado por banquetes grandiosos. Nestas ocasiões, "do alto do seu trono de ouro vermelho, rodeado de numerosos criados com archotes, o soberano contemplava dez mil dos seus súditos, convidados a jantar no palácio".

Wellington Barbosa da Silva. *Reinos de negros na Idade Média: a África Subsaariana no mundo*. *Cadernos de História UFPE*, v. 5, n. 5, p. 9, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaulpe/article/view/109988/21926>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

a) Quais fontes históricas são citadas no texto? Se você fosse classificá-las, que tipo de fonte elas seriam?
 b) Por meio dessas fontes históricas, quais características do Reino de Gana podem ser identificadas? Faça uma lista no caderno.
 c) Em sua opinião, as fontes históricas apresentadas neste capítulo comprovam ou refutam a ideia de que a região do Sahel é praticamente inabitável e que apenas populações muito pobres vivem lá? Converse com os colegas sobre isso, utilizando elementos do texto para comprovar sua análise.

3. Muito do que sabemos sobre certos processos e histórias do continente africano foi preservado pela tradição oral, transmitida pelos contadores de histórias africanos, conhecidos como griôs. De forma semelhante ao que ainda é feito por esses griôs, relate uma história familiar que lhe foi contada por alguma pessoa mais velha de sua família. Seja criativo e procure narrar a história como se fosse um griô. Se necessário, utilize música, dança, entre outras manifestações artísticas, para enriquecer sua apresentação.

20

Fonte: Coleção Alpha, 2018.

O segundo capítulo da coleção vem trazendo as formas de organização social dos diferentes povos Iorubás antes da chegada dos europeus. Inicialmente verificamos que esse ponto de reconhecimento dessa cultura antes dos outros povos europeus é interessante, já começamos a perceber que a cultura negra veio em primeiro lugar, sem exemplificar com o homem branco, e seus “domínios”.

E ainda vem como dica para o professor que, ao abordar os povos Iorubás, os alunos podem remeter à escravidão no Brasil. O livro apresenta um trecho do historiador Alberto da Costa e Silva para que os alunos possam analisar que é:

[...] Os africanos não escravizavam os africanos, Nem se reconheciam então como africanos. Eles se viam como membros de uma aldeia, de um conjunto de aldeias, de um reino e de um grupo que falava a mesma língua, tinha os mesmos costumes e adorava os mesmos deuses (SILVA, 2008 p. 85-88).

A partir do trecho representado pela citação acima, os professores podem fazer debates com os alunos sobre o que acham do mesmo. São nos mínimos detalhes do livro didático que pode se construir uma educação igualitária em relação aos povos negros, principalmente neste momento dessa coleção em que a cultura Iorubá é vista anteriormente à chegada dos europeus e não o vice-versa que foi encontrado na coleção anterior em relação aos Iorubás, sempre vistos inicialmente pela vinda dos europeus para dominar o comércio.

A imagem abaixo (figura 31) é representada por mulheres Iorubás usando trajes típicos durante um festival Olojo, na Nigéria em 2016.

Figura 31 - Mulheres Iorubás



Fonte: Geração Alpha, 2016.

As atividades (figura 32) até então são baseadas em habilidades da Base Nacional Comum Curricular e entre elas está habilidade EF07HI03 em que é proposta a identificação e a contextualização de aspectos e processos típicos das sociedades Iorubás. Na atividade vamos encontrar questões sobre os papéis

femininos das mulheres lorubás atualmente, tornando o diálogo significativo sobre essa cultura e a sua permanência no continente africano.


Figura 32 - Atividades

ATIVIDADES Responda sempre no caderno.

- Forme dupla com um colega. Copiem o quadro abaixo no caderno e completem-no com informações sobre os lorubá. Para isso, retomem o mapa da página 23 e os textos do capítulo.

Os lorubá até o século XIV	
Locais onde viviam	
Organização político-administrativa	
Expressões religiosas	
Principais técnicas e tecnologias	

- Em relação ao papel das mulheres nas comunidades iorubanas, responda:
 - Em que situação as mulheres iorubás eram consideradas sagradas?
 - Como a sacralidade delas era explicada?
 - Na sociedade brasileira atual, como são tratadas as mulheres que, nas sociedades iorubanas, seriam consideradas sagradas? Elas costumam ser valorizadas?
- Observe esta pintura e, em seguida, responda às questões.



Iconografia dos Deuses Africanos no Brasil
Resumo de Carybé

← Carybé. *Cerimônia para Oraluã no Opô Afonjã*. Aquarela feita para o livro *Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia*, de 1980.

- Como as pessoas representadas nessa obra estão vestidas? Qual(is) delas chama(m) mais sua atenção? Por quê?
- A pintura registra um ritual de candomblé. Com base na imagem e na legenda, levante hipóteses sobre o ritual representado.
- O artista Carybé (1911-1997), nascido na Argentina e naturalizado brasileiro, fez esse registro com base em suas experiências nos terreiros de candomblé do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco, nas décadas de 1950 e 1960. Em sua opinião, como a cultura iorubá chegou ao Brasil?

- Qual é a situação atual dos lorubá? Faça uma pesquisa, em publicações impressas ou digitais, sobre esse povo, procurando identificar permanências e transformações em seu modo de vida, como costumes cotidianos, expressões religiosas e atividades econômicas. Anote as conclusões no caderno e lembre-se de registrar as fontes pesquisadas. Em uma data combinada com o professor, compartilhe suas descobertas com a turma.

25

Fonte: Coleção Alpha, 2018.

O último capítulo da coleção, representado pela unidade 8, é intitulado *Os Africanos na América Portuguesa* e busca identificar as diferentes formas de escravização e as relações comerciais estabelecidas entre o reino africano e Portugal. Também propõe reconhecer o protagonismo e a importância dos africanos e afrodescendentes.

Articulada à proposta da Base Nacional Comum Curricular a coleção vem trazendo estratégias para verificar os aspectos e processos das sociedades africanas e americanas antes mesmo da chegada dos europeus, além de identificar a distribuição territorial da população brasileira nas diferentes épocas envolvendo a diversidade étnico-racial e étnico cultural que seria indígena, africana, europeia e asiática.

Ao longo do capítulo é exposta uma imagem que ocupa as duas páginas do livro, abordando uma manifestação cultural afro-brasileira, o maracatu (figura 33), e segue com contribuições do antropólogo Kabengele Munanga acerca dos africanos. É interessante o debate sobre de onde surgiu o racismo.

Figura 33 - Maracatu



Fonte: Geração Alpha, 2018.

O capítulo intitulado *O tráfico de escravizados* apresenta imagens (figura 34) que explicam detalhadamente o acontecimento. Fala-se da estimativa de desembarque dos africanos no Brasil e de como eles sobreviveram à viagem nos navios negreiros, além das péssimas condições a que foram expostos, e não apenas os adultos, mas a presença das crianças nas imagens e o quanto elas sofreram. É interessante o docente chamar atenção do aluno para essa análise da imagem.

Abaixo são abordadas as estimativas do desembarque dos africanos no Brasil, fazendo com que o aluno perceba o crescimento exorbitante dessas 'exportações' de pessoas para o Brasil.

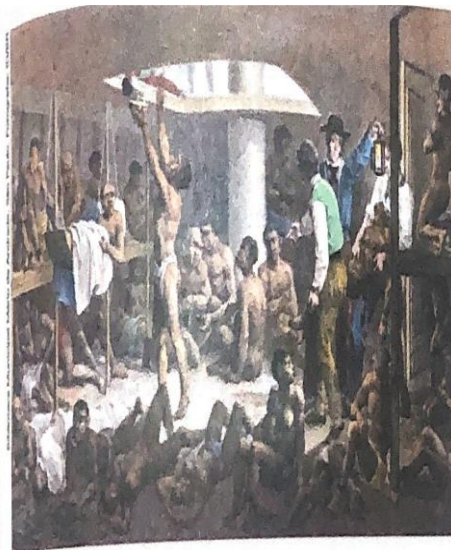
A viagem nos navios negreiros, como retratada na figura 35, não tinha estruturas para o exorbitante número de escravos que eram transportados, muitos deles amarrados e sofrendo torturas. Esta é evidentemente uma imagem que deve ser problematizada pelos docentes para que os discentes adquiram um entendimento mais aprofundado do tema, recorrendo a outras fontes imagéticas para entender melhor como era feito todo esse processo.

Figura 34 - Tabela de desembarque dos Africanos

ESTIMATIVAS DE DESEMBARQUE DE AFRICANOS NO BRASIL	
Período	Indivíduos
1531-1575	10 000
1576-1600	40 000
1601-1625	100 000
1626-1650	100 000
1651-1670	185 000
1671-1700	175 000
1701-1710	153 700
1711-1720	139 000
1721-1730	146 300
1731-1740	166 100
1741-1750	185 100
1751-1760	169 400
1761-1770	164 600
1771-1780	163 300
Total	1 895 500

Fonte de pesquisa: *Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988*. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p. 60.

Figura 35 - A viagem nos navios negreiros



Johann Moritz Rugendas. Navio negreiro, cerca de 1830. A gravura mostra um aspecto dos navios que transportavam os africanos escravizados da África para a América. Esses navios eram também conhecidos como tumbeiros, pois muitas pessoas morriam por causa das condições subumanas às quais eram submetidas durante a travessia.

Fonte: Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1998. IBGE, 1990. P.60.

Fonte: Geração Alpha, 2018.

As imagens seguem destacando a mão de obra escravizada como base do trabalho da América portuguesa. O que é representado a seguir é um trabalho manual que foi associado à escravidão durante séculos no Brasil (figura 36). É interessante que os alunos através das imagens descrevam o que estão observando nelas e apontem que tipo de trabalho está sendo realizado pelos personagens da figura e qual a diferença entre as duas imagens (figuras 36 e 37).

Na imagem 36 é apresentada uma cena em que as crianças negras trabalham em uma sapataria e pode-se observar o dono da sapataria com uma

palmatória para castigá-los e a senhora atrás da porta com seu filho pequeno branco observando tudo que acontece.

Nesta coleção os pontos que são verificados são a importância dos negros para a história. Nesse penúltimo título da unidade não poderia ser diferente, o destaque é para os conhecimentos e tecnologias africanas. Nele são apresentadas as contribuições de africanas em termos de tecnologias, ideias e comportamentos para a América, como na metalurgia, na construção de edifícios, na produção de açúcar, no artesanato entre outras áreas. Nesse quesito o debate é válido para provocar os alunos a refletirem sobre qual foi a atuação dos africanos trazidos para a América Portuguesa e os trabalhos em que esse povo era especializado, remetendo à importância que eles representam para a nossa História e para a História do nosso Brasil.

Figura 36 - Sapataria século XIX

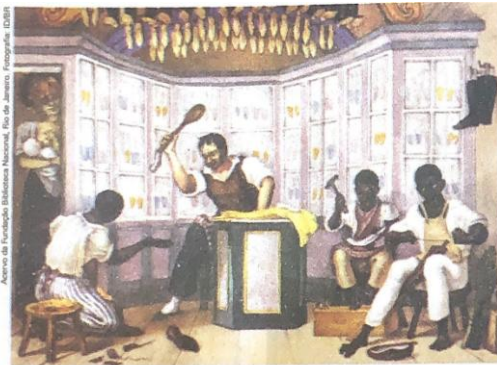


Figura 37 -Escravidados lavrando diamantes



Fonte: Coleção Alpha, 2018.

Diferente da primeira coleção, História Sociedade e Cidadania, em que encontramos figuras famosas de artistas negros, nesta segunda coleção, Alpha, a valorização é dos negros que tiveram destaque nos movimentos sociais. O que podemos entender nesse último capítulo é que é possível fomentar o diálogo sobre o racismo estrutural no Brasil, apresentando um panorama histórico da luta para essa desconstrução, além de trazer para os alunos todas as lutas sobre políticas afirmativas. Vale ressaltar que o capítulo também exemplifica o que seriam essas políticas afirmativas, e toda a luta do Movimento Negro em relação aos sistemas de cotas raciais, que reserva vagas para alunos afrodescendentes nas universidades.

A imagem apresentada (figura 38) é de uma grande mobilização dos movimentos sociais, especialmente dos negros, LGBT (relativo a gays, lésbicas,

bissexuais e transexuais entre outros). A foto evidencia o movimento por causa do assassinato de Marielle Franco, mulher negra que foi vereadora da capital do Rio de Janeiro.

Ela era uma representante, uma ativista negra que defendia as políticas afirmativas, mas infelizmente perdeu sua vida. O protesto foi no Rio de Janeiro em frente à Câmara Municipal, em 2018. A coleção abre espaço para explicar quem foi essa mulher que tanto contribuiu para as lutas do povo negro para conquistar espaço nesse país. A imagem é, mais uma vez, um objeto para que os alunos possam analisar criticar e debater todo esse contexto, uma vez que o assassinato da Marielle Franco repercute até os dias atuais.

Figura 38 - Mobilização dos Movimentos Negros



Fonte: Coleção Alpha, 2018.

Para encerrar o capítulo, uma atividade é proposta com perguntas diretas sobre o assunto estudado, como também análise de imagens em relação a uma pintura dos escravizados trabalhando (figura 39). E, por fim, uma questão sobre as políticas afirmativas, indagando se os alunos tinham conhecimento sobre como funciona e caso não tenham conhecimento estes são direcionados a fazerem pesquisas mais aprofundadas em relação ao tema. É curiosa essa provocação para que o aluno se desvincule do livro didático e explore outras fontes, para não ficar apenas com aquele assunto resumido.

Através da análise das duas coleções, História Sociedade e Cidadania, e a coleção Alpha, pode-se concluir que os livros atendem às demandas da Lei 10.639/03, mas apenas por abordarem algum capítulo mencionando o negro e a História da África. Por outro lado, esses capítulos continuam a abordar um espaço


temporal mais curto, privilegiando a História Antiga como também a questão do domínio português em destaque.

Figura 39 - Atividade coleção II

ATIVIDADES

Responda sempre no caderno.

- Qual era o objetivo inicial dos portugueses quando chegaram ao norte da África?
- De forma geral, como se caracterizava a escravidão no continente africano antes do tráfico empreendido pelos portugueses?
- Observe a imagem a seguir e responda às questões.



Averno da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Fotografia: EDSB.

Johann Moritz Rugendas. *Castigos domésticos*, século XIX. Litografia colorizada.

- Qual é a ação central representada nessa pintura?
- Qual é a atitude do homem em pé, ao centro?
- Em sua opinião, por que a mulher está sendo castigada em público?

- Leia o texto a seguir. Depois, com base nele e no capítulo estudado, responda às questões.

Somente mais tarde, aprendendo com a prática, principalmente depois da introdução dos primeiros escravos africanos, que já na sua pátria se tinham ocupado com lavagem do ouro, e de cuja experiência o natural espírito inventivo e esclarecido dos portugueses e brasileiros logo tirou proveito, foi que os mineiros aperfeiçoaram esses processos de extração. Deve-se principalmente aos negros a adoção das bateias de madeira, redondas e de pouco fundo, de dois a três palmos de diâmetro, que permitem a separação rápida do ouro da terra, quando o cascalho é bastante rico. [...]

Wilhelm Ludwig von Eschwege. *Pluto brasiliensis*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1979. p. 147-148.

- A qual atividade o texto se refere?
- A qual experiência o texto faz referência no trecho "de cuja experiência o natural espírito inventivo e esclarecido dos portugueses e brasileiros logo tirou proveito"?
- Como essa experiência teria auxiliado no desenvolvimento dessa atividade na colônia portuguesa na América?

- Na comunidade em que você vive, quais políticas afirmativas são realizadas pelas instituições públicas e privadas da região? Se não souber, faça uma pesquisa em publicações impressas ou digitais. Anote suas descobertas no caderno e, em uma data combinada, compartilhe as informações com os colegas.

195

Fonte: Coleção Alpha, 2018.

Já em relação à abordagem dos negros, a representação entre as coleções História Sociedade e Cidadania e a Coleção Alpha cumpre, apesar de resumidamente, o papel de trazer a figura do negro, em alguns momentos, como importante ser social. Porém em relação às atualidades sobre a África e suas tecnologias, na coleção História Sociedade e Cidadania não há ênfase às recentes descobertas arqueológicas como também às primeiras comunidades africanas com tecnologia na agricultura. Isto é algo que a coleção Alpha destaca: quanto os

africanos contribuíram para a pesca, a caça, a questão do manuseio da cana de açúcar, a construção de edifícios, entre outros pontos positivos.

Em relação à História da África, as duas coleções abordam a formatação dos impérios africanos no período da antiguidade e sua importância, e há uma superficialidade na questão do engenho colonial, na coleção História, Sociedade e Cidadania, na qual podemos observar uma negação das temporalidades. Excluir essas mudanças africanas é retirar toda a sua historicidade.

Outro ponto frequente, na coleção História Sociedade e Cidadania são utilizados a denominação escravos, esses não saíram de seu continente na condição de escravos, mas se tornaram escravos quando chegaram ao Brasil, diferentemente da coleção Alpha em que os negros são intitulados de escravizados pelo motivo de estarem como mão de obra no Brasil e não por serem escravos.

Sobre os meios de resistência a coleção História Sociedade e Cidadania só representam os Quilombos através das imagens e de forma resumida, e esquece todos os outros meios de reação ao sistema escravista, como a religião, a gastronomia, o matrimônio, a morte entre outros.

Os quilombos são comunidades formadas pelos índios e escravos que fugiram e outras pessoas que necessitavam de moradias, mas eles são narrados como a única forma de moradia dos africanos no Brasil. Mas os quilombos não representavam uma única cultura, já que no Brasil existiam várias tribos com expressões culturais divergentes.

Sendo assim, a representação do negro em todas as temáticas da História do Brasil é feita como escravo, principalmente na atividade açucareira, as duas coleções os mostram como mão de obra e, por ser uma prática lucrativa para a colônia, era necessária uma mão de obra escrava. A presença do patriarcado e a superioridade dos brancos é algo notório em muitos manuais didáticos, que sempre insistem nessa explicação dos brancos superiores e negros escravos.

Portanto, o lugar do negro, embora abordado resumidamente, nas duas coleções, principalmente na coleção Alpha, retrata bem essa importância e os materiais ensinam críticas construtivas. Partindo do que trataram as duas coleções, observamos que lugar do negro ainda é visto superficialmente nas problemáticas históricas, culturais e políticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma relevância refletir sobre o negro no ensino de história, sobre como sua representação nesses manuais didáticos estão sendo transmitidas, e a importância de sua inclusão no processo de formação da sociedade brasileira. O estudo elaborado nos permitiu verificar o quanto relevante é estudar sobre os livros didáticos, que é algo que de certa forma não representa preocupação para os docentes, como também para todo o corpo escolar. Trabalhar com o livro didático em tempos de mudanças como estes em que vivemos, com governos que tentam excluir a parte cultural dos negros em nossa história, acarretando um ensino superficial é prioritário e primordial.

Deste modo, é pertinente que o campo escolar, até mesmo o acadêmico trabalhe com essas discussões acerca dos materiais didáticos e de abordagens sobre o lugar do negro na História do Brasil, porém a proposta fora apresentar a caracterização de como a cultura negra se reproduz nos livros por sabemos que até os dias de hoje a discriminação racial distancia negros e brancos em nossa sociedade, pois acaba reproduzindo conteúdos fundamentados por ideologias dominantes e arquétipos padrões, viabilizando a desigualdade no Brasil.

É perceptível que, ao longo das análises, as coleções Alpha e História, Sociedade e Cidadania respeitam as obrigatoriedades da Lei 10.635/03 em relação a destacar um capítulo do livro sobre a História da África, mas a Lei propõe algo mais aprofundado para os manuais didáticos acerca do negro, esta é uma realidade não atingida em uma desigualdade exorbitante que marca as divisões sociais e culturais na sociedade brasileira.

Esses estudos contribuem para o curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, campus I, para o ensino de História fomentando a discussão sobre a cultura e sua importância através do ensino e fazendo um recorte mais específico sobre como abordar o ensino no ensino fundamental II, anos finais em relação às imagens e à literatura do livro.

Por fim, além da necessidade de discutir o ensino afro-brasileiro, é necessária uma investigação mais aprofundada em relação ao livro didático, e como os autores estão apresentando esses conteúdos e imagens: se apenas de forma superficial, ou com narrativas passadas, ocasionando um estereótipo em relação às raças, assim

como também no sistema educacional é preciso uma reformulação para que sejam feitas investigações mais precisas, essa reformulação tem como prerrogativa uma educação de qualidade para todos. O que se espera com essa pesquisa, que não se esgota a partir dessas análises e problematizações, é pensar as práticas educacionais que sejam comprometidas com um projeto social transformador, com objetivo de fazer uma crítica aos preconceitos e promover o respeito às diversidades, principalmente no lugar social do negro.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan (Orgs.). **Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar 1810-1910**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo **História Sociedade e Cidadania**, 7º ano. 3.ed. São Paulo: FTD, 2015.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. 2 ed. México: Fondo de Cultura Econômica, 2000.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentidos – cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: História cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHOPPIN, Alain. Las políticas de libros escolares en el mundo: perspectiva comparativa e histórica, in: Javier Pérez Siller & Verena Radkau García (coord.), **Identidad en el imaginario nacional: reescritura e enseñanza de la historia** (Puebla- Braunschweig, 1998).

CURADO, Danilo. **Contradições entre as políticas públicas do “PCN” e “PNLD 2011”**: uma análise da arqueologia brasileira nos livros didáticos de História Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Universidade Federal de Rondônia, Núcleo de Ciências Humanas (NCH), Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Velho, 2013.

FONSECA, Marcus Vinícius. **A educação dos negros: uma face do processo de abolição da escravidão no Brasil**. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2002.

GRIGOLO, Viviane. **O Impacto da Lei 10.639/03 na Escola: O Caso da Educação de Jovens e Adultos**. 2012 (Especialização). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ªed. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, p.179-195 nov., 2001.

SALVADOR, Â. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**: elaboração de trabalhos científicos. Porto Alegre, RS: Sulina, 1980.

SILVA, A.C da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: Ceao; CED, 1995.

SILVA, A.C. da. **O estereótipo e o preconceito em relação ao negro no livro de comunicação e expressão de primeiro grau, nível I**. 1988. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1988.

SILVA, Ana Célia da. A ideologia do embranquecimento na educação brasileira e proposta de revisão. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: EDUSP/Estação Ciências, 1996.

SILVA, P. V. B. da. **Racismo em livros didáticos Belo Horizonte**: Autêntica, 2008.

SM EDUCAÇÃO (org.) **Geração Alpha História**: ensino fundamental: anos finais: 7ºano. 2.ed. São Paulo: Edições SM, 2018. Obra coletiva, desenvolvida e produzida por SM Educação: Editora responsável Valéria Vaz.